

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM LINGUÍSTICA  
MESTRADO EM LINGUÍSTICA**

**RAYANI ANDRESSA DA CRUZ OLIVEIRA**

**VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E IDENTIDADE NAS REDES SOCIAIS: O FALAR  
CUIABANO DO XÔMANO QUE MORA LOGO ALI**

**CÁCERES-MT**

**2019**

**RAYANI ANDRESSA DA CRUZ OLIVEIRA**

**VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E IDENTIDADE NAS REDES SOCIAIS: O FALAR  
CUIABANO DO XÔMANO QUE MORA LOGO ALI**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Linguística da Universidade do Estado de Mato Grosso, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Linguística, sob a orientação da professora Dra. Jocineide Macedo Karim.

**CÁCERES-MT**

**2019**

Walter Clayton de Oliveira CRB 1/2049

O48v OLIVEIRA, Rayani Andressa da Cruz .  
Variação Linguística e Identidade nas Redes Sociais: o  
Falar Cuiabano do Xômano Que Mora Logo Ali / Rayani Andressa  
da Cruz Oliveira - Cáceres, 2019.  
96 f.; 30 cm.(ilustrações) Il. color. (sim)

Trabalho de Conclusão de Curso  
(Dissertação/Mestrado) - Curso de Pós-graduação Stricto Sensu  
(Mestrado Acadêmico) Linguística, Faculdade de Educação e  
Linguagem, Câmpus de Cáceres, Universidade do Estado de  
Mato Grosso, 2019.

Orientador: Jocineide Macedo Karim

1. Sociolinguística. 2. Atitudes Linguísticas. 3. Teoria da  
Acomodação. 4. Variação Linguística. 5. Facebook. I. Rayani  
Andressa da Cruz Oliveira. II. Variação Linguística e Identidade  
nas Redes Sociais: o Falar Cuiabano do Xômano Que Mora Logo  
Ali: .

CDU 81'27(817.2)

© by Nome completo, ano.

**RAYANI ANDRESSA DA CRUZ OLIVEIRA**

**VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E IDENTIDADE NAS REDES SOCIAIS: O FALAR  
CUIABANO DO XÔMANO QUE MORA LOGO ALI**

**BANCA EXAMINADORA**

---

Profª. Dra. Jocineide Macedo Karim  
Orientadora – PPGL/UNEMAT

---

Prof. Dra. Mônica Cidele da Cruz  
Avaliadora Interna – PPGL/UNEMAT

---

Profª. Dr. Taisir Mahmudo Karim  
Avaliador Externo – PPGL/UNEMAT

---

Profª. Dr. Albano Dalla Pria  
Avaliador Suplente – PPGL/UNEMAT

**APROVADA EM: 11/03/2019**

*Dedico esta Dissertação de Mestrado ao meu papi, Rinaldo, pois sempre esteve ao meu lado nessa jornada e nunca mediu esforços para me ajudar a enfrentá-la. Sem sua ajuda e apoio não teria chegado até aqui.*

## AGRADECIMENTOS

Agradeço:

A Deus por ter me dado saúde, energia e disposição para poder concluir meu trabalho;

A minha orientadora, Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup>. Jocineide Macedo Karim, por acreditar no meu trabalho, demonstrando seriedade e competência nas orientações; pela paciência, atenção e pelo carinho e dedicação para comigo;

A toda a minha família: a minha mãe, Cilene; ao meu pai, Rinaldo; aos meus irmãos, Ryan Pabulo e Rafael; as minhas primas e melhores amigas, Beatriz, Fernanda, Naegeli e Kenya; Obrigada a todos os familiares que souberam compreender os meus momentos de ausência.

Às amigas que fiz nesta caminhada e que levarei no meu coração eternamente: Jaqueline, Maria Eliane e Fernanda.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Linguística UNEMAT, cujas aulas contribuíram imensamente para minha pesquisa;

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Mato Grosso - FAPEMAT, por ter financiado minha pesquisa;

À banca examinadora, por aceitarem o convite e, principalmente, por todas as contribuições para aperfeiçoamento deste trabalho.

## RESUMO

Este estudo, inscrito na área da Sociolinguística, na linha de pesquisa Estudos de Processos de Variação e Mudança do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Linguística, teve por objetivo observar a interação dos integrantes da comunidade virtual do *Xômano que mora logo ali*, com a variedade linguística cuiabana. Considerando que o site facebook é suporte das relações sociais, pudemos perceber que ele está modificando os processos sociais das pessoas, possibilitando que os usuários passem a investir virtualmente nos laços sociais de interação com a variedade linguística cuiabana. Desse modo, buscamos identificar e compreender atitudes linguísticas em relação ao falar cuiabano, representado na comunidade virtual do *Xômano que mora logo ali*. Outro objetivo da pesquisa foi o de compreender como a variedade linguística é vinculada nos espaços virtuais. Verificamos, assim, o posicionamento dos integrantes diante desses usos linguísticos e mais característicos do falar cuiabano, além de aspectos culturais, que marcam a linguagem. Foram coletados nove posts (entre mil e quinhentas publicações) que representam aspectos linguísticos de ordem fonológica e lexical, e aspectos culturais da localidade. O critério de escolha se deu pelo critério de maior repercussão dos posts. As atitudes dos integrantes foram sintetizadas predominantemente em positivas (a favor desses usos) e para demonstrá-las selecionamos cinco avaliações deixadas na comunidade pelos integrantes. E mais dois depoimentos deixados na linha do tempo da página que juntos as avaliações corroboraram para compreendermos as estratégias implícitas de acomodação com a linguagem, dos integrantes. Uma vez que eles estão num processo de conservar o falar cuiabano de modo que suas atitudes tornam-se majoritariamente positivas em relação as publicações da comunidade.

**Palavras-chave:** Sociolinguística; Atitudes linguísticas; Teoria da acomodação; comunidade virtual; Variedade linguística; Facebook.

## ABSTRACT

This study, enrolled in the area of Sociolinguistics, in the line of research Studies on Processes of Variation and Change in the Stricto Sensu Postgraduate Program in Linguistics, aimed to understand the interaction of members of the virtual community of Xômano who lives there, with the Cuiabana linguistic variety. Considering that the facebook site is a support for social relations, it is modifying people's social processes, allowing users to invest virtually in social bonds of interaction with the Cuiabana linguistic variety. In this way, we seek to identify and understand linguistic attitudes in relation to the cuiaban speech represented in the virtual community of the man who lives there. We also aim to understand how the linguistic variety is linked in virtual spaces. We thus verify the position of the members in the face of these linguistic and more characteristic uses of Cuiabana speech, as well as cultural aspects that also mark language. Nine posts (between one thousand and five hundred publications) representing linguistic aspects of phonological and lexical order, and cultural aspects of the locality were collected. The criterion of choice was given by the criterion of greater repercussion of the posts. The members' attitudes were synthesized predominantly in positive (in favor of these uses) and to demonstrate them we selected five evaluations left in the community by the members. And two more testimonials left in the time line of the page that together the evaluations corroborated to understand the implicit strategies of accommodation with the language, of the members. Since they are in a process of preserving Cuiabana speech so that their attitudes become overwhelmingly positive in relation to community publications.

**Key words:** Sociolinguistics; Language attitudes; Accommodation theory; Tevirtual community; Linguistic variety; Facebook.

## LISTA DE FIGURAS

Post 1: Realizações africadas [tʃ] e [dʒ] em vez das fricativas [ʃ] e [ʒ]: <b>[tchuva]</b> e <b>[hodjê]</b> ...	63
Post 2: Realizações africadas [tʃ] e [dʒ] em vez das fricativas [ʃ] e [ʒ]: <b>[djog]</b> , <b>[cácthorro]</b> , <b>[tchá]</b> , <b>[tchupá]</b> , <b>[cádju]</b> e <b>[micadje]</b> .....	64
Post 3: Realização do rotacismo da lateral alveolar em grupo consonantal: <b>[framengo]</b> e <b>[fruminense]</b> .....	66
Post 4: Realização do rotacismo da lateral alveolar em grupo consonantal: <b>[brusa]</b> .....	67
Post 5: Realização de Shô usados para senhor/seu: <b>[shô Antonio]</b> .....	69
Post 6: Realização de Shô usados para senhor/seu: <b>[shô critinu]</b> .....	70
Post 7: variação lexical: <b>[vôte]</b> .....	71
Post 8: variação lexical: <b>[canhâim]</b> .....	72
Post 9: <b>[Rebuça]</b> em vez de cobrir, recobrir .....	74
Avaliação 1: “Humor inteligente, com resgate cultural” .....	76
Avaliação 2: “Valoriza nossa cultura” .....	76
Avaliação 3: “Vocês representam os cuiabanos” .....	79
Avaliação 4: “Página que valoriza e dá vida a história de Cuiabá, Várzea Grande em fim todo o Mato Grosso... Xomano é djente da djente...” .....	79
Avaliação 5: “Mash quá! tenho sangue cuiabano, a tchapa da família paterna é daí” .....	80
Depoimento 1: “Melhor página de Cuiabá! Aqui dou valor a minha terra natal” .....	83
Depoimento 2: “Valoriza a cultura cuiabana de forma gostosa e divertida.” .....	86
Depoimento 3: “Você fez eu volta a amar ser #cuiabano...” .....	86

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Reações dos internautas para publicações .....	22
Tabela 2: Seleção do <i>corpus</i> : variação linguística na página virtual <i>Xômano que mora logo ali</i> .....	56
Tabela 3: Seleção do <i>corpus</i> : atitudes linguísticas publicadas na página virtual <i>Xômano que mora logo ali</i> .....	57

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	13
SEÇÃO I.....	16
ASPECTOS SOCIOCULTURAIS, LINGUÍSTICOS E VIRTUAIS: CUIABÁ-MT .....	16
1.1 Contextualização histórico-geográfica de Cuiabá .....	16
1.2 Aspectos do falar cuiabano em evidência .....	17
1.2.1 Aspectos fonológicos .....	17
1.2.2 Aspectos morfossintáticos .....	18
1.2.3 Aspectos lexicais .....	19
1.3 O ambiente da pesquisa: Facebook .....	20
1.3.1 A história de sucesso do Facebook .....	20
1.3.2 Características do site .....	21
1.3.3 Facebook enquanto espaço para pesquisa .....	22
1.4 Comunidades virtuais novas possibilidades de sociabilidade .....	24
1.5 A comunidade virtual: <i>Xômano que mora logo ali</i> .....	26
SEÇÃO II .....	28
CAMINHOS TEÓRICOS DA PESQUISA .....	28
2.1 Linguagem e sociedade .....	28
2.2 Comunidade de fala e comunidade virtual .....	33
2.3 As atitudes linguísticas .....	33
2.4 Atitudes linguísticas e Teoria da Acomodação .....	36
2.5 Língua, cultura e construção de identidade .....	42
2.6 Variação, mudança e não mudança linguística: no falar cuiabano do <i>Xômano que mora logo ali</i> .....	44
2.7 As normas linguísticas e a heterogeneidade da língua .....	46
2.8 Normas linguísticas e as variantes estigmatizadas: Como elas são refletidas nas redes sociais digitais .....	49
SEÇÃO III .....	54

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA .....	54
3.1 A metodologia adotada neste estudo .....	54
3.2 Definição e constituição do <i>corpus</i> .....	55
SEÇÃO IV .....	58
ANÁLISE DOS DADOS .....	58
4.1 A variação linguística nas publicações da página virtual <i>Xômano que mora logo ali</i> .....	58
4.2 Características fonéticas .....	60
4.2.1 Realizações africadas [tʃ] e [dʒ] em vez das fricativas [ʃ] e [ʒ] .....	60
4.2.2 Realização do rotacismo da lateral alveolar em grupo consonantal .....	65
4.3 Características lexicais .....	68
4.3.1 Shô usados para senhor/seu .....	68
4.3.2 vôte: .....	70
4.3.3 Canhâim: .....	72
4.3.4 Rebuça em vez de cobrir, recobrir: .....	74
4.4 Atitudes linguísticas dos integrantes da comunidade do <i>Xômano que mora logo ali</i> .....	74
4.5 A comunidade <i>Xômano</i> como representação de identidade pessoal .....	82
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	88
REFERÊNCIAS .....	91
REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES .....	96

## INTRODUÇÃO

Na sociedade atual, também conhecida como sociedade da informação, do conhecimento e, nos dias de hoje, da interatividade, temos vivenciado grandes mudanças especialmente nas formas de conceber a linguagem, a cultura e a nós mesmos. Essas mudanças podem ser atribuídas, em grande parte, ao surgimento de mídias virtuais, principalmente com a popularização da internet que revolucionou as formas de comunicação e, conseqüentemente, a vida das pessoas.

Com o advento da Internet nasce as redes sociais que têm influenciado significativamente as condutas dos seres humanos na contemporaneidade. Essa influência acontece porque, a cada dia, utilizamos redes de comunicação para produzir e difundir as informações. As relações constituídas no espaço virtual ganharam proporção não só social como também de produção e de pesquisa na ciência, na educação, no jornalismo, enfim, fornecendo uma rede de comunicação ampla e irrestrita. Atualmente, não se concebe mais o ato comunicativo somente interpessoal; ele passou a existir também na forma virtual com as redes de artefatos tecnológicos.

Desse modo, percebemos que a toda essa interatividade das pessoas na internet a partir das redes sociais, principalmente a mais popular, o *facebook*, expande-se cada vez mais, pois é uma nova forma de comunicação da qual possui funcionalidades que chamam a atenção, como por exemplo, as comunidades virtuais ou *fanpages* as quais possibilitam que passemos a compreender a dinamicidade e heterogeneidade da língua, isso porque ela se exhibe de diferentes formas, de acordo com a situação comunicativa em que se encontra.

Assim, os indivíduos, ao fazerem parte de uma comunidade virtual, vão em busca de novas formas de interação e buscam espaços nos quais tenham algo em comum que desejam compartilhar e os manter vivo. Apesar de a comunicação acontecer de inúmeras formas, é através da escrita que ela se desenvolve com características que a aproximam da oralidade. Esse recurso, que tem por objetivo tornar a interação mais próxima de uma conversação face a face, faz com que os interagentes se sintam mais à vontade, e aumente o fluxo de comunicação verbal.

Nesse sentido, entendemos que o ponto inicial para observamos o comportamento social que marca uma determinada época é a percepção de que existe sempre uma relação entre o homem, a natureza e a sociedade; em cada época da história da humanidade resiste uma cultura tecnológica específica. O espaço virtual torna-se, portanto, o campo em que as

comunidades virtuais se constituem. Dessa forma, a cultura contemporânea passou a caracterizar-se pelo uso crescente de tecnologias digitais, criando uma nova relação entre a tecnologia e a vida social e, ao mesmo tempo, proporcionando o surgimento de novas formas de agregação, com práticas culturais específicas.

Assim, nessa direção, compreendemos a necessidade de desenvolver um estudo na área da linguagem sobre essas novas formas de interação. Para tanto, escolhemos a comunidade do *Xômano que mora logo ali*, que se constitui no espaço virtual da rede social *facebook*. A escolha de tal comunidade por considerou o grande número de pessoas que a integram, e que a aproximação das pessoas se dá por meio da existência de traços identitários comuns e pelo interesse em determinados assuntos como a linguagem e a cultura cuiabana.

Desse modo, este estudo surgiu a partir do interesse em observar como os indivíduos produzem e buscam informações que os representem e os identifiquem, de acordo com seu comportamento local no ambiente virtual. Pois, encontramos uma comunidade em que acontece uma grande valorização das variantes estigmatizadas por meio da identificação cultural. Nesse sentido, indagamos: Por que os indivíduos buscam ambientes virtuais para utilizarem a variante cuiabana? E mais: como isso ocorre no ambiente virtual? Nossa hipótese é a de que as pessoas buscam por seus semelhantes, e os espaços virtuais têm correspondido a essas buscas por meio de publicações que representam a cultura e o falar cuiabano.

Para tanto, contamos com o aporte teórico da Sociolinguística e suas vertentes como a Sociologia da Linguagem e a Teoria da Acomodação. Assim teremos embasamento para a compreensão de questões relacionadas à variação linguística que estão assentadas em determinadas atitudes linguísticas manifestadas pelos integrantes da comunidade virtual.

A execução deste estudo se deu por meio da coleta de publicações encontradas no *site facebook* na comunidade virtual *Xômano que mora logo ali*. As publicações selecionadas foram armazenadas em sua forma original, com registro por meio de imagem (captura de tela).

Assim, este estudo se apresenta em quatro seções:

Na seção I, nomeada “Aspectos socioculturais, linguísticos e virtuais: Cuiabá-MT”, apresentamos alguns aspectos do contexto histórico, geográfico e linguístico da cidade de Cuiabá. Abordamos também sobre o surgimento da rede social *Facebook* e como ela se estabelece neste estudo enquanto campo de pesquisa. Discorreremos sobre como as comunidades virtuais se estabelecem como espaços de sociabilidade e apresentamos ao leitor a comunidade *xômano que mora logo ali*.

Na seção II, denominada “Caminhos teóricos da pesquisa”, abordamos sobre alguns aspectos da Sociolinguística, bem como suas vertentes pertinentes para este estudo. Conceituamos os termos comunidade de fala e comunidade virtual aproximando-os. Apresentamos os aspectos teóricos das atitudes linguísticas, a relação entre as atitudes linguísticas e a teoria da Acomodação bem como a língua enquanto cultura e construção de identidade. Discorremos também sobre a variação, mudança e não mudança linguística em relação ao falar cuiabano presente na comunidade virtual. Abordamos ainda sobre as normas linguísticas e a heterogeneidade da língua, bem como tais normas linguísticas são refletidas nas redes sociais.

Nossa seção III, intitulada “Procedimentos metodológicos da pesquisa”, compõe-se dos procedimentos metodológicos. Nela o leitor encontrará aspectos concernentes à metodologia, empregada para a realização da pesquisa e os critérios de seleção do *corpus*.

Por fim, na seção IV, “Análise dos dados”, expomos os dados coletados da comunidade e a análise desses, de tal forma, a referida seção exhibe as atitudes linguísticas dos integrantes da comunidade tanto em relação à temas abordados na página *xômano*, como em relação ao falar cuiabano, resgate cultural e humor. Assim, posteriormente, relacionamos os depoimentos deixados pelos integrantes da comunidade com base na teoria da Acomodação. E, com as considerações finais deste estudo, encerramos demonstrando a vontade de realizar futuros estudos sobre o tema.

## SEÇÃO I

### ASPECTOS SOCIOCULTURAIS, LINGUÍSTICOS E VIRTUAIS CUIABÁ-MT

Neste capítulo, abordaremos sobre a contextualização geográfica, histórica e linguística de Cuiabá, bem como descreveremos acerca dos aspectos iniciais da rede social *Facebook* e a formação da comunidade virtual *Xômano que mora logo ali*.

#### 1.1 Contextualização histórico-geográfica de Cuiabá

Para o enriquecimento desse estudo e para que possamos observar o funcionamento da representatividade da cidade de Cuiabá na comunidade virtual do *xômano que mora logo ali*, torna-se importante abordarmos um pouco sobre o contexto histórico, geográfico e linguístico de Cuiabá.

Localizada na região Centro-Oeste, Cuiabá é a capital do estado de Mato Grosso, está situada às margens do rio que leva o seu nome (rio Cuiabá). Faz limite com os municípios de Chapada dos Guimarães, Campo Verde, Santo Antônio de Leverger, Várzea Grande e Acorizal.

Assim, é necessário que compreendamos o processo de ocupação que se deu em Mato Grosso, mais precisamente em 1718, via rio Cuiabá, pelos Paulistas na ação bandeirante, à caça aos índios em busca de mão escrava. O que aumentou ainda mais a ocupação nas terras do Centro-Oeste, pois nessa busca desenfreada por índios acabaram achando ouro no rio Coxipó.

As áreas de moradias urbanas e, especialmente, as áreas rurais, começaram a se construir dando início a um falar mais característico de Cuiabá. De acordo com Almeida (2000):

Em 1727, no dia primeiro de janeiro, Cuiabá recebe o foro de vila, com categoria de município, passando a se chamar Vila Real do Senhor do Bom Jesus de Cuyaba. Em 17 de setembro de 1818, por carta régia de D. João VI, a sede do município, a vila do Cuiabá é elevada à categoria de cidade com a denominação Cuiabá, transformando-se em capital da província de Mato Grosso em 1835. (ALMEIDA, 2000, p. 32)

Assim, como consequência dessa ocupação, surgiram novas estradas e ferrovias que facilitaram a passagem para a nova região. Contudo, essa população vivenciou um grande afastamento, devido ao único contato ser por meio da navegação fluvial. A expansão da cidade deu-se também por conta da “marcha para Oeste”, motivada por Getúlio Vargas, para efetivar a ocupação da região.

Nessa direção, sobre o processo histórico de povoamento de Cuiabá, o autor Siqueira (2000) aponta que

Foi, no entanto, a partir de 1970 que Mato Grosso recebeu o maior contingente migratório de toda a sua história, os sulistas que povoaram as partes norte, nordeste e noroeste do Estado tendo por base as atividades agrícolas e pastoris. Esses migrantes, em suas sagas, estenderam suas raízes até o Centro-Oeste e ali deram nascimento a inúmeras cidades, responsáveis pela quintuplicação do número dos municípios mato-grossenses. (SIQUEIRA, 2000, p. 25)

Um dos fatores que foi responsável pela miscigenação, começando por São Paulo, foi o contato primeiro dos brancos com os indígenas e depois com os escravos. No que diz respeito ao falante nativo de Cuiabá, as pesquisas feitas sobre essa região mostram que cada vez mais é maior o distanciamento entre o cuiabano e sua terra natal, isso deve-se ao aumento da migração e contato com variedades de maior prestígio. Desse modo, sobre os traços do cuiabano, Almeida (2000) argumenta que:

O cuiabano legítimo nasceu, viveu e pretende morrer na terra natal- em que relaciona a chapa à certidão de nascimento, e cruz à óbito- no geral, não negam a descendência brasílica, mameluca embora já esteja bem miscigenada com a raça negra como era de esperar, levando em conta a história social da região. (ALMEIDA, 2000, p. 34).

Contudo, aqueles que migraram para a região de Cuiabá ficaram e começaram a exercer um contato linguístico estreito com o falar local, de modo que estigmatizava-o. Os falantes do dialeto mato-grossense, por conta do estigma social e linguístico que incidiu em relação ao seu falar local, passaram então, a deixar de falar aos poucos traços típicos do falar, trocando-o por um dialeto mais “aceitável”.

Porém, Dettoni (2003, p. 94) afirma que ainda existem aqueles que sentem orgulho do seu fala cuiabano. E, especialmente os mais velhos:

Sentem-se orgulhosos de falar sobre Cuiabá, dos tempos antigos, sobre a tranquilidade da vida, descrever as ruas e praças. Um tema de sabor especial para eles é falar sobre as festas típicas de São Benedito e Senhor Divino, bem como as danças folclóricas, do cururu e do siriri. (DETTONI, 2003, p. 94)<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> O Território da Cidadania Baixada Cuiabana - MT está localizado na região Centro-Oeste e é composto por 14 municípios: Acorizal, Barão de Melgaço, Campo Verde, Chapada dos Guimarães, Cuiabá, Jangada, Nobres, Nossa Senhora do Livramento, Nova Brasilândia, Planalto da Serra, Poconé, Rosário Oeste, Santo Antônio do Leverger e Várzea Grande. Aas informações sobre os municípios pertencentes à baixada cuiabana foram retiradas do portal da Secretária de Desenvolvimento Territorial. ([http://sit.mda.gov.br/download/caderno/caderno\\_territorial\\_016\\_Baixada%20Cuiabana%20-%20MT.pdf](http://sit.mda.gov.br/download/caderno/caderno_territorial_016_Baixada%20Cuiabana%20-%20MT.pdf))

Diante das breves informações, é perceptível que Cuiabá foi marcada por vários fatores, históricos, geográficos e linguísticos que possivelmente contribuíram para uma realidade linguística, a que se tem atualmente.

## 1.2 Aspectos do falar cuiabano em evidência

Sobre os traços linguísticos da região da baixada cuiabana, destacamos a presença de algumas variedades linguísticas singulares em relação às outras variedades regionais faladas no Brasil. Na região do Alto Pantanal, entretanto, em Cáceres esses usos são frequentes no falar dos nativos, conforme atestou Macedo Karim (2012), são usos de características fonológicas, morfossintáticas e lexicais.

### 1.2.1 Aspectos fonológicos:

Considerando, inicialmente, os traços fonológicos, podemos perceber que uma das variedades mais autênticas são as realizações de [ʃ] e [ʒ] como africadas, por exemplo: [ˈʃuva] chuva e [dʒeitu] jeito. Palma (1984, p. 23) em seu estudo registra que são traços originários de outras regiões, em contato com esse meio “diziam sempre estranhar essa marca regional, ‘desconhecida’”. De fato, a realização das africadas [ʃ] e [dʒ] como fonemas não é um fato comum no Português Brasileiro, mas é uma grande característica do falar cuiabano. Sobre isso, afirma (COX, 2009, p. 5):

Dentre os aspectos fonológicos envolvendo as consoantes, a realização das fricativas palatais [ʃ] e [ʒ] como as africadas [ʃ] e [dʒ], respectivamente, tem sido considerada a marca registrada do falar cuiabano e, não raro, usado como uma metonímia caricatural para designar a estranheza provocada pela variedade linguística aqui falada a exemplo dos enunciados: (1) [ɛ ku'a'banu de ˈʃapɐ e ˈkruʃ] “É cuiabano de tchapa e cruz.”; (2) [ˈlaɾɐ de moˈadʒɐ] “Larga de moadje!”.

Outro traço fonológico característico do falar cuiabano é a redução do ditongo final em ‘ão’ e ‘õ’. Assim, acontece, por exemplo: [erˈmõ] irmão. Essa realização foi atestada também por Ferreira (1994), Baxter e Lucchesi (1997) no sul da Bahia, um dialeto falado na Helvécia, que tem sido caracterizado nos estudos como um remanescente do falar crioulo.

E um último traço fonológico bastante característico do falar cuiabano é a desnasalização da vogal /a/. De acordo com Souza (1998, p. 148) nessa variedade do Português

brasileiro “ocorre a cisão da vogal /ã/ em /a/ + /AN/, e como resultado, a vogal desnalizada e o seguimento nasal passa a figurar na estrutura vocabular” assim, tem-se no falar cuiabano [kri’aNsa] criança, [ma’ama] mamãe.

### 1.2.2 Aspectos morfossintáticos:

Para os aspectos morfossintáticos, destacamos o traço que mais se sobressai que é a não aplicação categórica da regra de concordância de gênero na locução nominal, por exemplo: “Uai, Nenê! Cadê A COZINHEIRA NOSSO?”<sup>2</sup>, na relação sujeito-predicativo “No sítio eles falam que A CRIANÇA TÁ TORTO” e na anáfora pronominal “ÁGUA DE MANDIOCA, ELE mata carregador, o formigueiro que corta a pranta”.

O uso também foi atestado por Macedo Karim (2012) na comunidade São Lourenço de Cáceres:

Em relação ao uso do masculino no lugar do feminino, característico do falar local, atestamos em nossos dados 37 ocorrências dessa variante, em alternância com 269 ocorrências de concordância nominal de gênero no sintagma verbal e no sintagma nominal em palavras femininas. Exemplos do uso do masculino no lugar do feminino:

(91) porque muitas vezes cê não vai pela pessoa cê tá bem vestido... tem que repará por dentro da pessoa... tem gente que não enxerga a senhora por dentro... enxerga se a senhora tá bem **vestido calçado**... bem **arrumado**. (M2) (MACEDO KARIM, 2012, p. 109)

Além dessa realização singular, outro aspecto morfossintático bastante característico no falar cuiabano é a ausência de artigo definido em sintagmas nominais como evidencia Dettoni (2003, p. 12): “Mãe de meu vovô, que é pai de papai, foi índia”. O uso de ‘no’ (preposição *em* + artigo *o*) para referir “na casa de”: “Fui *no* comadre” que equivale a “Fui *na casa da* comadre”.

### 1.2.3 Aspectos lexicais:

Em relação aos aspectos lexicais, percebemos que se estranha o uso de algumas palavras, talvez porque não fazem parte do vocabulário de outras variedades de português, ou se fazem, são empregadas com um outro significado. Como afirma Cox (2005):

---

<sup>2</sup> Os exemplos citados neste parágrafo e nos próximos seguimentos foram retirados de Dettoni (2003). Foi mantida a transcrição proposta pela autora.

Interagindo com cuiabanos, aprende-se que (5) “digoreste” é algo ou alguém bacana, nota dez, legal; (6) “tocera” é pessoa vaidosa, convencida; (7) “bambolê” é sandália de borracha, tipo havaiana; (8) “baleia” é ônibus urbano, lotação; (9) “bolicho” é vendinha; (10) “invisível” é grampo de cabelo; (11) “chiriri” é um pouquinho; (12) “rebuçar” é cobrir-se; (13) “xixir” é fazer cocô; (14) “cepo” qualifica pessoa formada, forte, grande; (15) “ajojar” é juntar-se, arranchar; (16) “rir pra catiça” é rir muito; (17) “agora qua:::ndo?!” indica dúvida, espanto; (18) “tcha por Deus!” indica admiração, espanto; (19) “era e pacuera” significa algo muito antigo. (COX, 2005, p.7)

Muitas características do falar cuiabano ficaram de fora desse breve esboço em aspectos mínimos, ainda mais aquelas que referem-se à entonação, ao ritmo descansado da fala cuiabana e aos acentos marcados utilizados para ressaltar certos sentidos.

Conforme Dettoni (2003), dificilmente hoje quem chegar a Cuiabá ouvirá muitos desses traços, circulando pelas ruas da cidade e interagindo com as pessoas nas diversas esferas de atividades próprias dos espaços urbanos. Todavia, nas regiões ribeirinhas com pessoas mais velhas certamente poderá reencontrar o falar cuiabano genuíno. Isso porque a região do Mato Grosso, quando os imigrantes aqui chegaram, vieram com a profecia emissária do ocidente, para “cuidar” não só a natureza selvagem, mas também a suposta barbárie que era a cultura mato-grossense.

Assim, compreenderam a língua local como uma língua estropiada e, tentaram corrigí-la. De modo geral, a relação entre os mato-grossenses e os de fora foi marcada por encontros culturais de toda ordem. Nas últimas quatro décadas esses conflitos que colonizadores, que aqui chegaram, travaram contra os Mato-Grossenses justificava, assim, a boa intenção de promover o outro à maioria cultural. Pois:

De tanto ouvir que sua fala é “horível”, “esquisita”, “estranha”, “caipira”, “carregada”, “arrastada”, de tanto sentir-se sub-avaliado, subestimado, minorizado, estigmatizado, ridicularizado, de tanto ver-se pelo olhar do colonizador, hoje maioria no Estado, o mato-grossense foi passando, ele mesmo, a ver-se/pensar-se/dizer-se pela voz do outro – “pelo amor de Deus, esse nosso “tcha-tcha-tcha” é horrível!”. Sua voz é uma resposta em eco da voz do colonizador. (COX, 2008, p. 35)

Assim, podemos ver que o mato-grossense foi adotando uma postura envergonhada em relação à sua língua materna. Contudo, observamos que muitos falantes da variedade linguística cuiabana vêm procurando grupos para interagirem e manterem vivo esse falar, e o site Facebook vêm possibilitando essa interação, conectando pessoas de todos os lugares.

### **1.3 O ambiente da pesquisa: *Facebook***

Neste tópico vamos abordar um pouco sobre o ambiente da pesquisa, o *Facebook*, procurando conhecer a sua história e as características que o constitui.

### *1.3.1 A história de sucesso do Facebook:*

A história de criação do *Facebook* é, hoje em dia, bastante conhecida. Criado em 2004 por um grupo de jovens universitários de Havard (Mark Zuckerberg, Dustin Moskovitz, Eduardo Saverin e Chris Hughes), que vislumbravam criar um espaço no qual as pessoas se encontrassem, compartilhassem opiniões e fotografias, buscando, no início criar uma rede de comunicação apenas para os estudantes da própria Universidade. Contudo, em pouco tempo a rede ampliou-se entre as universidades americanas, conectando jovens de mais de 800 instituições (ARRINGTON, 2005). A sua popularidade aumentou e em menos de um ano já tinha 1 milhão de usuários ativos.

No ano de 2005 o site ultrapassou as fronteiras norte americanas e, no início de 2006, algumas empresas e estudantes do ensino básico passam a ter acesso ao site. Em setembro do mesmo ano, o Facebook foi liberado para quem quisesse criar uma conta<sup>3</sup>. Assim, no final de 2011, a rede social de Zuckerberg ultrapassou o *Orkut*, considerado até então a maior rede social do Brasil. Em 2012, a rede social ultrapassou 1.060 milhão de inscritos mensais ativos. Desse modo, trata-se, pois, de um fenômeno único que se estabelece como a maior rede social do mundo (FACEBOOK, 2012).

Assim, para termos uma noção da atual expansão do site, de acordo com a revista online Exame.com, 2018, o *Facebook* possui 125 milhões de usuários brasileiros mensalmente ativos. A própria empresa *Facebook* fez o anúncio, na quarta-feira no dia 18 de julho. Vale lembrar que hoje o *Facebook* tem 2,2 bilhões de usuários ativos mensalmente no mundo todo.

### *1.3.2 Características do site:*

Ao criar um perfil no *Facebook*, o site disponibiliza campos para que os usuários insiram diferentes informações. O espaço informação básica inclui informação sobre opção de gênero, data de nascimento, idiomas, ideologia política e crença religiosa. O espaço trabalho/formação possibilita colocar o vínculo institucional, nível profissional e as instituições de formação

---

<sup>3</sup> Vale ressaltar que mantiveram apenas a restrição (teórica) da idade mínima de treze anos.

acadêmica. É possível também inserir o status de relacionamento, a naturalidade e a residência atual. O espaço destinado “Sobre você”, denominado atualmente como sua biografia, é deixada em aberto e permite ao utilizador realizar uma autodescrição. A este junta-se o campo citações preferidas e o campo relativo a contatos no qual pode ser indicado apenas o endereço de e-mail, ou muitos outros dados. Há, pois, um conjunto de referências pessoais que podem ser inscritas nestes campos, permitindo traçar um perfil do utilizador mais ou menos detalhado, consoante à opção do usuário, já que estes campos não são de preenchimento obrigatório.

Assim, ao associar-se a esta rede, cada usuário pode procurar por quem quiser e ter acesso ao seu perfil. A partir desta procura pode enviar um convite para adicionar pessoas à sua lista de amigos. E o que mais nos interessa é que, além destas ligações a sujeitos individuais, existe a possibilidade de se integrar a grupos que são as denominadas Fanpages ou comunidades virtuais. Há, assim, a possibilidade de criar uma rede de contatos em função dos interesses comuns dos usuários.

As formas de comunicação podem acontecer em forma de mensagens privadas, ou públicas, através do mural, no qual, além de texto, é possível anexar fotos, links e também os chamados memes. Estes posts podem ser comentados, curtidos e compartilhados pelos “amigos virtuais”. Atualmente, o *Facebook* fez uma atualização na qual, além do botão curtir, existem outras opções denominadas “reagir”, que é uma função de reagir a determinado *post* com um *emoticon*<sup>4</sup>, assim o site apresenta seis opções de reação, conforme a Tabela 1 que segue:

**Tabela 1: reação dos internautas para publicações**

Número	Reação/imagem	Significado da reação/imagem.
1		<i>Curti</i> ou like significa que a pessoa achou legal.
2		<i>Amei</i> significa que pessoa amou a publicação.
3		<i>haha</i> faz referência à risada.
4		<i>uau</i> expressa surpresa/ espanto.
5		<i>triste</i> representa tristeza em relação à publicação.
6		<i>Grr</i> representa raiva.

**Fonte:** tabela elaborada com base nas informações do *Facebook*.

<sup>4</sup> Imagem que representa uma ideia/conceito

Assim, de modo geral, para além das características visuais do site *Facebook*, está a sua função social, pois podemos considerar que o site *Facebook* possibilita a criação de redes de interação. Desse modo, de acordo com Franco (2012, p. 117) as redes sociais são consideradas “um processo de socialização, algum tipo de interação coletiva e social, presencial ou virtual, que pressupõe a partilha de informações, conhecimentos, desejos e interesses”.

### 1.3.3 *Facebook enquanto espaço para pesquisa*

Assim como a grande mídia emite suas opiniões sobre objetos de estudo da Linguística, a comunidade leiga também adota uma posição em relação a ela. Desse modo, em virtude do crescimento do acesso à internet no Brasil, essas posições sobre a linguagem, da mesma forma que abordam outros assuntos cotidianos, são discutidas não apenas no mundo físico, mas também no ambiente virtual, principalmente nos sites e redes sociais.

Embora um dos princípios da rede social seja sua acessibilidade, podemos dizer que a conexão primordial entre as pessoas acontece por meio da identidade, e talvez isso seja um grande fator de importância para que as redes sociais se efetivem como espaço de pesquisa Sociolinguística. Pois, as barreiras das redes não são barreiras de separação, mas barreiras de identidade. Não é uma barreira física, mas uma barreira de perspectivas, de segurança e lealdade, mantida pelas redes de comunicações.

Outro ponto positivo dos sites de rede sociais, como campo de pesquisa, é a possibilidade de compartilhamento de informações, conhecimentos, interesses e esforços em busca de objetivos comuns, no caso a linguagem. A intensificação da formação das redes sociais, nesse sentido, pode refletir um processo de fortalecimento de uma comunidade.

Em estudos recentes, podemos constatar que diversos autores têm se dedicado a uma variedade de temáticas relacionadas a sites de redes sociais, mais especificamente o *Facebook*.

Sobre esses aspectos, Bezerra e Pimentel (2016) demonstram um panorama desses estudos:

Pimentel (2014) caracteriza e discute a colônia de gêneros que se constituem em torno do *site*; também no *Facebook*, Lima-Neto (2014) analisa o fenômeno da emergência de gêneros, enquanto Barros (2015) investiga os processos argumentativos e a escrita colaborativa em comentários nas linhas do tempo de usuários. No que tange a pesquisas voltadas para os usos variáveis da língua, de inspiração sociolinguística, há uma diversidade de estudos voltados

para o internetês, a “linguagem da Internet”<sup>1</sup>, especialmente fazendo comparação entre a escrita informal, recreativa, em ambiente virtual e a escrita em situações convencionais ou formais, por exemplo, em contexto escolar (cf. BISOGNIN, 2009; MELO; BEZERRA, 2011). A presente pesquisa se alinha com os poucos estudos acadêmicos voltados para instâncias de normatização da língua nas redes sociais digitais e particularmente no *Facebook*, alguns dos quais também elegeram a página *Língua Portuguesa* como foco de investigação, a exemplo de Pires e Pinto (2013) e Santos e Romano (2015). (BEZERRA; PIMENTEL, 2016, p. 7)

Mas o que são as tão comentadas redes sociais e como o *Facebook* se situa em relação a elas? Neste estudo, entendemos redes sociais na perspectiva apresentada por Recuero (2009, p. 24), como uma “metáfora para observar os padrões de conexão de um grupo social, a partir das conexões estabelecidas entre os diversos atores”. Uma rede social, desse modo, é um tipo de estrutura social que liga pessoas tendo, a nosso ver, a linguagem como o principal meio para essa conexão. Redes sociais existiam e muito provavelmente existem fora do mundo da Internet, de modo que se torna preciso detalhar que aqui tratamos de uma categoria específica de redes sociais: aquelas que se constroem, se preservam e se popularizam pela instrumentalidade das novas Tecnologias de Informação e Comunicação, em especial, por meio da Internet.

Essas redes, às quais Recuero (2009) se refere como “redes sociais na Internet”, nós optamos por denominá-las como “redes sociais digitais”, compreendendo-as como redes de pessoas que se formam mediante à instrumentalidade de artefatos tecnológicos como os computadores, os dispositivos móveis de comunicação (*smartphones, tablets*). Tais redes, atualmente, existem em quantidade imensurável e cada indivíduo participa ao mesmo tempo de várias delas, inclusive através de um mesmo *site* ou aplicativo.

Desse modo, devemos esclarecer que, diferente do senso comum, não consideramos o *Facebook* como uma rede social, mas sim, novamente de acordo com Recuero (2009), como um “*site* de redes sociais”, isso porque, uma rede é formada por pessoas e não por um mecanismo tecnológico; e as redes ligadas a *sites* como o *Facebook* são múltiplas. Em outras palavras, o *Facebook* é um *site* por meio do qual várias redes sociais se constroem e evoluem. Os usuários do site, acabam participando de diversas redes sociais, em grande parte com focos particulares como, relacionamentos pessoais, política, comunidade sobre auto afirmação cultural e linguística que é o caso da *fanpage* (que tratamos como comunidade virtual) analisada por este estudo.

É assim que passamos a compreender as comunidades virtuais que se formam no *site Facebook*, como espaços coletivos de comunicação e de troca de informação, podem facilitar a

criação e desenvolvimento de comunidades de afirmação e aprendizagem, como veremos na próxima subseção.

#### **1.4 Comunidades virtuais novas possibilidades de sociabilidade**

Concordamos com Castells (2005) quando descreve:

Que a tecnologia não determina a sociedade: é a sociedade. Com efeito, acrescenta este autor, A sociedade é que dá forma à tecnologia de acordo com as necessidades, valores e interesses das pessoas que utilizam as tecnologias. (CASTELL, 2005, p. 17)

Neste sentido, podemos compreender ainda a sensibilidade particular das tecnologias da comunicação e da informação aos usos sociais das próprias tecnologias e aos seus propósitos.

Assim, é importante entender que a sociedade em rede e a tecnologia que lhe está ligada não forma uma força autosuficiente, que desfaz tudo o que antes tinha um contato com o ser humano, ao contrário passamos a compreendê-la como algo completo que veio para agregar, associando a tecnologia à criatividade e à realização do ser humano.

Anteriormente, muitas pesquisas demonstravam que as redes de relações que existiam no contexto virtual, diziam respeito à pessoas que não se conheciam, constituindo comunidades de interesses, longe da sua localização e conhecimento prévio, o qual se revelava uma direcionalidade online para *offline* (AMANTE, 2014), nos dias atuais o fenômeno das redes sociais tem modificado este cenário. Pois, observa-se que os usuários vêm estabelecendo, preferencialmente, relação com pessoas que fazem previamente parte do seu mundo *offline*, ainda que estabeleçam também novos contatos.

Desse modo, compreender a vida social na contemporaneidade requer considerar o estudo sobre as comunidades virtuais que se formam a partir da rede social *Facebook*, visto que essas comunidades alteraram fortemente nos últimos anos a forma como milhões de pessoas se comunicam e compartilham informação entre si. Neste campo, sendo o *Facebook* a rede mais popular (KREUTZ, 2009), conceitua-se como uma fonte privilegiada de informação aos estudiosos desta área.

Nos dias de hoje, o conceito de comunidade encontra-se fortemente relacionado aos discursos sobre a internet (SILVA, 2002, p. 18), uma vez que ela veio proporcionar um novo

espaço social, novas formas de sociabilidade que direcionam, inevitavelmente, à formação de laços sociais, de novas identidades e formas de pertença. Comunidade, do latim *communitas*, que entre outros, quer dizer “qualidade do que é comum e quando muitos formam uma unidade”, repara Aristóteles como expressão “de uma totalidade de indivíduos ligados por laços sociais”.

Estimulada pelas tecnologias, a sociabilidade muda-se para o campo do virtual, formando novos espaços partilhados. É necessário, nesses espaços sociais virtuais, que “a constituição do “nós” se transforma em comunidades virtuais” (LÉVY, 1996, p. 11). A urgência de comunidades na virtualidade, segundo Howard Rheingold (1993), é consequência da vida moderna, na qual a conexão de comunidade tradicional entra em declínio. Desse modo, as comunidades no espaço virtual:

podem ser comunidades reais, elas podem ser pseudo-comunidades, ou podem constituir um tipo de contrato social completamente novo, mas eu acredito que sejam em parte uma resposta à necessidade de comunidade que seguiu à desintegração das comunidades tradicionais no mundo. (HEINGOLD, 1993 *apud* FERNBACK E THOMPSON, 1995, p. 7).

Assim, podemos destacar como motivo, também, a necessidade de manter as relações já estabelecidas, ou seja, manter o contato com os amigos. Evidencia-se que os usuários das redes sociais levarão conteúdos e pessoas dos seus espaços *offline* para os espaços *online*. Este ponto de vista se assemelha com aqueles que consideram que a internet permite aos usuários apresentarem “eus” *online* diferentes dos “eus” *offline* (BYAM, 1995; TURKLE, 1995; MCKENNA & BARGH, 2000).

Assim, percebemos que as comunidades virtuais têm se afirmado como uma importante alternativa aos contextos tradicionais e, ao serem suportadas pelas tecnologias, tornaram-se mais visíveis na atualidade. Representam ambientes intelectuais, culturais, sociais que compartilham ideias e princípios em comum, enquanto promovem a interação, a colaboração e o desenvolvimento de um sentimento de pertença dos seus membros.

Desse modo, podemos ver uma nova forma de socialização acontecendo, por meio das comunidades virtuais dedicadas a assuntos como: comunidade dos nordestinos, grupos para discussões diversas, entretenimento e outros mais. Enfim, um espaço de colaboração, troca de experiências. Redes sociais são estudadas desde 1930, por diferentes teóricos e são formadas

em diferentes culturas e sociedades por comunidades como: família, escola, emprego entre outras.

### **1.5 A comunidade virtual: *Xômano que mora logo ali***

A comunidade virtual do *Xômano que mora logo ali* foi criada em julho de 2014. Atualmente conta com 144.620 curtidores. A página é constituída por postagens que são compostas em sua maioria por textos verbais e não verbais (fotos e montagens). Ela é alimentada diariamente por essas postagens (*posts*) pelo seu administrador e criador identificado como *Xômano* ou Didier Provenzano. No início da criação da página notamos pelas fotos do perfil e vídeos publicados pelos administrador que ele utilizava sempre uma máscara, ele explicou que tirou a máscara do personagem porque percebeu que era algo que o limitava muito para realizar as postagens, então decidiu “encorpar” o *Xômano* com o Didier.

Em relação ao nome da comunidade, o administrador revelou que se inspirou no seriado de TV americana “Todo Mundo Odeia o Chris”. No qual o apelido do Chris é garoto que mora logo ali. Assim, *Xômano* explica que o nome pegou e antes que pudesse controlar já tinham centenas de pessoas participando da comunidade virtual.

Os temas abordados na página, em sua maioria, são assuntos relacionados com a região Centro-Oeste, mais especificamente, com a cidade de Cuiabá. O falar cuiabano é a maior temática da comunidade. As postagens se apresentam na forma de humor, por meio de montagens com pessoas que são características em Cuiabá e região, como apresentadores de jornais locais, imagens de bairros da cidade, animais símbolos da região como a capivara. Tudo isso de forma bem-humorada e buscando representar o falar cuiabano e a cultura local.

Além, das conversas com o administrador da página, buscamos também entrevistas cedidas por ele, pois, nem sempre era possível o contato. Assim, em uma entrevista para o site local, *Mídia News*, *Xômano*, fala sobre o objetivo da comunidade. Segundo ele a ideia de associar o linguajar cuiabano com humor, conforme os personagens é valorizar a cultura local, que para ele estava esquecida:

Não vou dizer que levantamos essa bandeira, mas hoje se vê muito do regional na TV, no rádio, em outdoors. Eu acho que a gente contribuiu para isso. Não somos 'os caras', mas a gente ajudou sim (MÍDIA NEWS, 2016, p.2).

Assim, as publicações da Fanpage *Xômano que mora logo ali* são basicamente tiras cômicas, por vezes irônicas (dependendo do assunto abordado), que expõem elementos do falar e cultura cuiabana.

A página atualmente possui grande repercussão e expandiu-se para outras plataformas de redes sociais, como o Instagram. Mas o que observamos é que a interação acontece mesmo pelo *facebook*, porque as funcionalidades do site permitem mais recursos para interação.

## SEÇÃO II

### CAMINHOS TEÓRICOS DA PESQUISA

Esta seção apresenta o aporte teórico de viés Sociolinguístico, cujas correntes consideram a relação entre língua e sociedade, para que assim seja possível refinar conceitos introdutórios à pesquisa.

Além da compreensão de outras vertentes da Sociolinguística, abordaremos questões da Sociologia da linguagem que nos dará suporte junto com a Psicologia Social, mais especificamente, a Teoria da Acomodação para compreendermos o comportamento linguístico dos integrantes da comunidade, bem como a construção da sua identidade cultural.

#### **2.1 Linguagem e sociedade**

Nesta subseção abordaremos algumas perspectivas fundamentais para a compreensão deste estudo. Trataremos do surgimento da Sociolinguística e dos aspectos da teoria, fundamentais para este estudo.

Compreendemos que a linguagem é um feito que as pessoas realizam para interagir entre si, expressando opiniões, sentimentos e pensamentos, realizar tarefas do dia a dia, planejar ações e pensar sobre acontecimentos do passado são atos humanos e são estabelecidos pela linguagem e na linguagem. O surgimento dela é um acontecimento fundamental na história humana, sem isso não seria possível a organização dos seres humanos em sociedade. Não é simples determinar exatamente quando a linguagem começou, por isso existem diversas teorias que procuram explicar a origem e a história da linguagem humana.

Contudo, no campo científico, encontramos caminhos para a compreensão da linguagem. A Linguística é a área que se estabeleceu como principal detentora na investigação da linguagem humana, isto é, da língua. Segundo Petter (2004), essa área estuda, descreve e explica toda e qualquer expressão linguística.

É impossível negar que a língua seja um fenômeno social e que a linguagem, mais especificamente, a verbal, de algum modo exerceu, e ainda exerce grande interesse aos estudos linguísticos. Contudo, estudá-la sob o viés social não foi sempre de comum acordo. Se observarmos os estudos iniciais da Linguística, com a obra póstuma intitulada “Curso de Linguística Geral” do suíço, Ferdinand Saussure, em 1916, constataremos que a linguagem se

baseia na dicotomia *langue/parole*, pois o estudioso não considerava a influência existente entre língua e sociedade. A corrente linguística de Saussure ficou conhecida como “Estruturalismo” no qual via-se o funcionamento da língua como algo homogêneo sem as interferências externas na sua formação, o que se tornou alvo de críticas. Contudo, vale ressaltar que, Saussure evidenciou que seria necessária uma ciência que desse conta da fala, considerando sua heterogeneidade.

Assim, a partir de inquietações e necessidade de novos estudos na área de Linguística, especialmente, por uma vertente que relacionasse linguagem e sociedade, vieram estudiosos como MEILLET (1977) o qual apresenta a história da língua como inerente da cultura e da sociedade. Outro estudioso que contribuiu para o desenvolvimento da Sociolinguística foi Benveniste (1963), o qual nos mostra ser inviável aceitar a língua sem a sociedade nem a sociedade sem a língua, ou seja, uma não se realiza sem a outra. Bakhtin também trouxe grande aporte para a linguagem, que apontam para a importância do exterior nos estudos da língua. Nesse sentido, o pesquisador expõe que:

A verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas linguísticas, nem pela enunciação monológica, isolada, nem pelo ato psicofisiológico de sua produção, mas pelo fenômeno social da interação verbal realizada através da enunciação ou das enunciações. A interação verbal constitui assim a realidade fundamental da língua. (BAKHTIN, 2006, p. 125).

Nesse contexto, podemos observar que Bakhtin contribuiu com os pressupostos fundamentais para os estudos ditos interacionais da língua, dentre eles fundamentados em correntes como a Sociolinguística. Esses autores, desse modo, a partir de vários estudiosos que já desenvolviam em seus trabalhos teorias de natureza claramente Sociolinguística, contudo, somente em 1964 surge de fato a Sociolinguística, enquanto ciência autônoma. Em Los Angeles, William Bright, um dos teóricos da Sociolinguística, realiza uma conferência com 25 pesquisadores da área e, no ano de 1966, publica as atas do evento (*Proceedings of the UCLA Sociolinguistics Conference*). Este encontro de 1964 marca o nascimento da Sociolinguística, corrente linguística que relaciona linguagem e sociedade, a fim de sistematizar a variação existente na linguagem, a partir de uma metodologia rigorosa (CALVET, 2002).

Nesse cenário, surgiu, na década de sessenta, uma nova corrente na Linguística: a Sociolinguística Variacionista, a qual foi formalmente instituída com a publicação da obra *Empirical foundations for a theory of language change* (1968), de Uriel Weinreich, William

Labov e Marvin I. Herzog. Os quais contribuíram, através de sua obra, para a teoria geral da linguagem através da “Teoria da Variação e Mudança Linguística”.

Lucchesi (2004), tratando especificamente do estruturalismo, considera que:

[...] a afirmação de uma nova maneira de conceber o objeto de estudo ocupa uma posição central no processo de ruptura epistemológica através do qual um modelo teórico sucede o outro na disputa pela hegemonia que caracteriza o desenvolvimento histórico de uma ciência. Isso transforma a sociolinguística variacionista num dos candidatos a suceder o estruturalismo como modelo hegemônico no estágio atual da ciência linguística, cuja gênese é definida pelo acirramento da contradição entre mudança e sistema no seio do estruturalismo. A importância dessa contradição pode ser atestada pelo surgimento, não apenas da sociolinguística, mas de um conjunto de escolas que se concentraram na tarefa de desenvolver um modelo que fosse capaz de dar conta de maneira satisfatória da dimensão sócio-histórica do fenômeno linguístico, isto é, dos fatos relativos à variação e à mudança e à interação entre língua e sociedade. (LUCCHESI, 2004, p. 163)

Desse modo, com o surgimento da Sociolinguística Variacionista, a língua passou a ser compreendida como socialmente definida e sujeita à variações e mudanças ligadas às transformações dos padrões sócio-histórico-culturais de uma comunidade linguística. O que recai em uma questão, alvo de pesquisa sociolinguística: como, onde e por que acontece determinada mudança linguística?

Nesse sentido, considera-se que o estudo da mudança leva em conta seu percurso, na qual as etapas incluíram variantes linguísticas em coexistência e disputa dentro de uma comunidade e a predominância de uma sobre a outra no decorrer do tempo (LABOV, 1982). Assim, nessa competição, exercem sobre a língua pressões sociais e, “somente quando se atribui significado social a tais variações é que elas são imitadas e começam a desempenhar um papel na língua” (LABOV, 2008 [1972], p. 43). A compreensão de “valor social” que está implícita à variação é bastante propícia no campo investigativo sociolinguístico.

Nessa perspectiva, sabe-se que, na sociedade existem determinadas formas que são consideradas prestigiadas e outras que são estigmatizadas, e o prestígio, ou o estigma está ligado não à forma linguística em si, mas ao falante ou ao grupo social ao qual faz parte. Segundo Labov, o estigma está ligado a três aspectos que cercam o valor social atribuído às variantes: os estereótipos, os indicadores e os marcadores. Os estereótipos são as formas linguísticas socialmente marcadas, que caracterizam um grupo particular de falantes. Os indicadores e os marcadores dizem respeito, especialmente, aos traços linguísticos que possibilitam assinalar uma diversidade social. A distinção entre eles estaria no fato de que, para os indicadores, não

haveria interferência da avaliação subjetiva ou da variação estilística, e os marcadores já consideram a variação estilística (MONTEIRO, 2000, p. 67). Nesses aspectos, está incluída, portanto, a avaliação dos falantes em função das representações linguísticas.

Em síntese, a pesquisa sociolinguística de uma comunidade de fala envolve, assim, as características sociais dos falantes que pertencem à comunidade. A partir delas, pode-se desenvolver uma pesquisa do fenômeno linguístico, reconhecendo, se o desenvolvimento de variação encontra-se sólido na comunidade, se dada variante é de aplicação específica de algum grupo particular de falantes, sejam homens ou mulheres, jovens ou idosos, escolarizados ou não escolarizados, se existe ascendência da variante conservadora ou da variante inovadora, e em qual sentido se exhibe a variação: se o percurso é de mudança linguística (inovação) ou de manutenção linguística.

Assim, é necessário para nossa pesquisa que compreendamos que a Sociolinguística, possui vertentes que tem uma estreita relação com a antropologia, e com a sociologia:

- A associação com a antropologia – chamada de etnolinguística ou antropologia linguística – deve-se ao fato de a Sociolinguística estender a descrição e análise da língua para incluir aspectos da cultura em que é usada. Nesse âmbito se insere, mais recentemente, a corrente denominada Sociolinguística Interacional, que considera a relação entre os interlocutores, o assunto etc. na análise da conversação;
- A proximidade com a sociologia resulta na chamada sociologia da linguagem área que investiga a interação entre esses dois aspectos do comportamento humano: o uso da língua e a organização social do comportamento, ou seja, a organização social do comportamento linguístico, seja em termos de usos, seja em termos de atitudes em relação à língua e aos usuários. (GÖRSKI; COELHO; SOUZA; MAY, 2010, p. 17)

Podemos notar que a Sociolinguística é uma área marcada por uma variedade de estudos, correntes que estendem o olhar sobre a relação entre linguagem e sociedade. É significativo destacar que estas correntes fazem parte da sociolinguística, e elas se fazem necessárias para esta pesquisa, dado que segundo Calvet (2002) a Sociolinguística e a Sociologia da linguagem existem num mesmo posicionamento em que a língua e a sociedade são tomadas como unidades distintas: a língua continua a ser considerada como um fato social levando em conta sua autonomia e sem deixar de manter a autonomia linguística.

A vertente da *Sociologia da Linguagem* fará parte desta pesquisa uma vez que busca analisar as regras sociais da conduta linguística, as atitudes relacionadas à língua de uma comunidade, e “determina os valores simbólicos das variedades linguísticas para seus falantes” (FISHMAN, 1995, p. 38).

De modo geral é importante compreendermos que toda a história da humanidade é constituída nas sociedades, as quais são detentoras de um sistema de comunicação oral, por isso a importância da relação entre linguagem e sociedade para a análise dos fenômenos linguísticos, conforme o linguista Calvet argumenta:

*[...] o objeto de estudo da linguística não é apenas a língua ou as línguas, mas a comunidade social sob seu aspecto linguístico. Segundo este ponto de vista, não há mais possibilidade de distinguir entre sociolinguística e linguística, e ainda menos entre sociolinguística e sociologia da linguagem (CALVET, 2002, p. 143 grifos do autor).*

E a Psicologia Social entra nesse estudo através do norte americano, Wallace Lambert (1960), o qual buscou considerar a linguagem não mais como elemento dispensável, mas sim como decisivo em suas investigações. O pesquisador é considerado por muitos como o precursor dos estudos de atitudes linguísticas na Psicologia Social.

No que se refere aos estudos que lidam com atitudes linguísticas, a ínfima relação entre a Psicologia Social e a Sociolinguística abrange a temática de atividades pesquisadora desde a década de 60. Quanto à Sociolinguística, os estudos revelam que a variação da linguagem não deve ser completamente explicada considerando-se apenas fatores sociais e situacionais; é necessário, também, que se ponderem as normas, valores e padrões de prestígio em uma comunidade linguística. Já os estudos realizados no campo da Psicologia Social, trazem informações importantes que podem ajudar o linguista a melhor entender o comportamento linguístico de seus colaboradores. Desse modo, a relação dessas áreas e o conhecimento gerado pelos pesquisadores filiados a cada uma delas constituem-se em uma ligação importante de estudos que podem orientar as pesquisas linguísticas.

Sabemos que existem nos espaços sociais diversos falares, principalmente no nosso país Brasil, o qual é formado de heterogeneidade linguística, cultural e identitária. No entanto, ainda é insuficiente saber que existem diferentes modos de falar, faz-se necessário buscar compreender a trajetória da nossa história e principalmente mostrar o valor que os falantes atribuem ao seu falar e dos diversos que existem. Nesse sentido, compreendemos que a Sociolinguística é a ciência que permitirá fazer tais investigações principalmente nesses novos espaços virtuais que a linguagem acontece.

Assim, percebemos que a Sociolinguística argumenta que a fala e a língua são divergentes, sendo que a língua não é concreta, ela é social e externa, sendo assim, só existe

entre os homens em sociedade. Gestos, sons, imagens diversas, rodeiam a vida do homem moderno, formando mensagens de todo tipo, emitida pelos mais diversos canais, como televisão, rádio, internet e outros. Em todos, a língua desempenha um papel principal, seja em sua forma oral ou escrita. E, através dela, a interação com o mundo que nos cerca é constantemente atualizada

E de fato, não há entre a sociedade e a língua uma relação de simples coincidência. Todos nós a partir do nascimento e do mundo que interagimos, deparamo-nos com esta diversidade de possibilidades comunicativas que se tornam cada vez mais reais.

## **2.2 Comunidade de fala e a comunidade virtual**

Nesta subseção aproximaremos os conceitos de comunidade de fala e comunidade virtual. Isso por que acreditamos que é possível relacionar ambas comunidades, a partir dos preceitos da Sociolinguística. Para tanto, buscamos nos embasar em autores que corroborem com nossos objetivos.

Desse modo, sabemos que os indivíduos podem utilizar variantes de acordo com o contato com os seus pares, aproximando a sua fala com as dos outros indivíduos de uma mesma comunidade. Por causa dessa heterogeneidade da língua, Tarallo (1986) mostra que a teoria Sociolinguística têm o objetivo de compreender e sistematiza variantes linguísticas utilizadas por uma mesma comunidade de fala. Assim, essa teoria pretende ligar aspectos de língua e de sociedade, reconhecendo os grupos de falantes que possuem características linguísticas em comum.

Assim, inicialmente, tomamos uma definição simples de comunidade de fala dada por Bloomfield (1926, p. 42), para o qual “é um grupo de pessoas que interage por meio da fala”. Essa definição sobre o objeto de estudo da Sociolinguística é abrangente, o que levou Gumperz (1968) a afiná-la, contrapondo que uma comunidade de fala é um grupo de falantes, não necessariamente de uma mesma língua, mas que compreendem e compartilham uma totalidade de normas e regras para o uso da língua.

E Labov (1972) mostra que uma comunidade de fala é aquela que compartilha normas e ‘atitudes’ sociais diante de uma língua ou variedade linguística:

A comunidade de fala não é definida por nenhum acordo marcado quanto ao uso dos elementos da língua, mas, sobretudo, pela participação em um conjunto de normas compartilhadas. Essas podem ser observadas em tipos

claros de comportamentos avaliativos, e pela uniformidade de seus termos abstratos de variação, que são invariáveis com relação aos níveis particulares de uso (LABOV, 1972, p. 120- 121).

Observamos que Labov prioriza o caráter de ‘compreensão’ das atitudes dos falantes em relação às normas gramaticais, compartilhadas pelo grupo para configurar uma comunidade de fala. Para ele, os membros de uma comunidade de fala não têm de falar, prioritariamente, da mesma forma, eles apenas compartilham uma série de pensamentos sobre a comunidade de fala. O que corrobora com as definições que observamos sobre comunidade virtuais, pois, um indivíduo, ao fazer parte de comunidades virtuais, busca afinidades de identificação, vínculo afetivo e interesses compartilhados. E talvez o mais importante, que podemos notar na nossa comunidade virtual a ser analisada é que os indivíduos buscam uma linguagem comum como motivação para que o grupo continue a se encontrar com intensidade e continuidade.

Mais especificamente, segundo Rheingold (1993), podemos considerar que comunidades virtuais são grupos que surgem dentro do espaço virtual a Internet, e que mantêm uma rede de informações e afinidades. As comunidades virtuais criaram novas formas de sociabilidade em que está presente a sensação de pertencimento. O ambiente virtual torna-se local de interação social. Para Rheingold (ibidem), é necessário que exista motivação, interesses compartilhados, sentimento comunitário e durabilidade nas relações para que se tenha uma comunidade virtual com vitalidade e expressividade.

A principal característica das comunidades virtuais é o fato de surgir de forma espontânea. O indivíduo não é obrigado a integrar determinada comunidade, a motivação é individual, a partir de traços de identificação, seja social, cultural, identitário ou linguístico. Para que as comunidade virtuais existam é necessário alguns elementos como apoio, emotividade, imaginação, lembranças coletivas, união, identificação e interesses comuns. Assim, para que a sensação de coletividade de emoções se propague, é preciso que haja compartilhamento de saberes, de conhecimento, de opiniões que podem até mesmo ser divergente, visto que no interior da comunidade, é natural que ocorra entre os integrantes opiniões contraditórias.

Em relação ao território, a localização geográfica que encontramos nas comunidades de fala, na comunidade virtual não é um elemento que se faz preciso, embora o ciberespaço apresente-se como um espaço público fundamental para a existência de comunidades virtuais. Todavia, as agregações virtuais acontecem mesmo que não sejam em um território geográfico. Pois, os integrantes de uma comunidade virtual procuram a participação por meio de um assunto comum e de um espaço real. Assim, o que notamos, é que dentre milhões de comunidade

existentes no *Facebook* existem aquelas que têm assuntos semelhantes, ligados ao território físico. É o que se percebe no objeto de estudo desse trabalho. As relações sociais e expressões culturais já existentes e fixadas nas noções culturais do território Centro-Oeste brasileiro estão sendo reterritorializados na comunidade virtual *Xômano que mora logo ali*.

Nesse sentido, Lemos (2002a) estabelece as agregações virtuais, são aquelas onde existe, por parte de seus membros, o sentimento expresso de uma afinidade subjetiva cercada por um espaço geográfico simbólico, cujo compartilhamento de emoções e troca de experiências pessoais são fundamentais para harmonia da comunidade.

Desse modo, a autora Carmen Pimentel (2015) nos direciona à compreender que a constituição de comunidades virtuais:

Se relacionaria à busca de novas características identitárias na sociedade em rede, retratando os efeitos da globalização, que requer um movimento de afastamento da ideia padrão da “sociedade” como um sistema bem delimitado. Passa, então, a valer uma perspectiva constituída na forma como a vida social se ordena hoje em dia em consequência das inovações tecnológicas. Isso possibilita que participantes de uma mesma comunidade virtual não pertençam obrigatoriamente a um mesmo espaço físico, uma mesma região territorial, nem da mesma cultura social. O mais provável é considerar que o aspecto de relação seja a língua, se levarmos em conta que a base mais utilizada atualmente na comunicação dos meios virtuais é a escrita. (PIMENTEL, 2015, p. 6).

Assim, passamos a perceber que os relacionamentos construídos no ambiente virtual ganharam proporção não só social como também de produção e de pesquisa em diferentes ciências, seja na linguística, na educação, no jornalismo, produzindo uma rede de comunicação ampla e irrestrita. Hoje em dia, não se concebe mais o ato comunicativo somente interpessoal; ele passou a existir também na forma virtual.

Lemos (2002) enfatiza que o ponto de partida para compreendermos o comportamento social que marca uma determinada época é a consciência de que existe sempre uma relação simbiótica entre o homem, a natureza e a sociedade; em cada período da história da humanidade prevalece uma cultura tecnológica específica.

A seguir, concentraremos, nas atitudes linguísticas. Abordaremos um pouco sobre a compreensão de atitude e métodos de pesquisa, visitando autores de diferentes áreas, como a Psicologia Social, a Sociolinguística, que tratam deste assunto.

### **2.3 As atitudes linguísticas**

Os estudos de atitudes linguísticas nasceram no campo da Psicologia Social. O autor Fraser e Scherer (1982, p. 3), os estudos baseados na área da Psicologia Social Norte-Americana estavam voltados em sustentar uma “purificação metodológica” e não privilegiavam o estudo da linguagem até o final da década de 60. Todavia, os psicólogos sociais da escola europeia demonstravam em seus trabalhos um empenho maior no que tange à linguagem, elegendo as investigações empíricas.

A Sociolinguística também tem desenvolvido investigações relacionadas a esse tema, visto que os caminhos para a compreensão de questões relacionadas à variação linguística podem estar assentados no entendimento de determinadas atitudes linguísticas, manifestadas por um grupo ou por uma comunidade de fala.

Assim, no cenário Sociolinguístico não é recente o empenho pelos estudos de Crenças e Atitudes Linguísticas. No estudo desenvolvido por Labov (1972), por exemplo, sobre a mudança fonética ocorrida no inglês falado na ilha de Martha’s Vineyard, podemos perceber as atitudes de forma marcante no que diz respeito aos usos linguísticos. Pois, os aqueles desejavam sair da ilha não externavam a centralização do (ay) e (aw), e já aqueles que possuíam estima pelo uso linguístico demonstravam a centralização. Ainda em Labov<sup>5</sup> (1972/2008) nota-se a forte presença da centralização dos referidos ditongos por moradores da ilha, demonstra como eles ansiavam afirmarem-se como nativos. De modo, que reagem às pressões sociais decorrentes dos veranistas que tomavam a ilha todos os anos.

O uso da variante padrão dos visitantes e veranistas, geravam para os nativos, um sentimento de desgosto, tanto pelo desejo dos mais jovens em deixar a ilha, e/ou pelo desejo de que ela progredisse e se relacionasse a outras cidades americanas.

Assim, Para Labov, essa variante dos nativos tida como estigmatizada, configurava como atitudes linguísticas marcadora de identidade social.

À procura do conceito de atitudes, podemos compreender que:

O conceito de atitude, em sua origem, foi discutido pelos pesquisadores da psicologia social, que buscavam respostas para entender certos comportamentos humanos e suas motivações. Mais tarde, este fenômeno passou a interessar aos linguistas, que passaram a direcionar as pesquisas sobre atitudes para a esfera da língua, ou seja, investigando as manifestações positivas ou negativas que os falantes fazem sobre a fala dos outros indivíduos e sobre sua própria fala. Assim, o conceito de atitude se especifica e passa-se

---

5 A indicação de páginas se faz pela tradução brasileira de 2008, Bagno, Scherre e Cardoso.

a utilizar o termo “atitudes lingüísticas”, que tem a ver com o modo como o falante se julga ou é julgado pelos seus pares com referência ao seu comportamento lingüístico. (AMANCIO, 2007, p. 42)

Os estudos nesta área buscam compreender como são avaliados os traços lingüísticos característicos de uma língua ou de uma variedade de língua. Assim, definir “atitude” não é uma das funções mais simples, segundo Botassini (2015, p. 109) “[...]isso porque esse termo também está relacionado a campos variados; daí se escutarem expressões como atitude corajosa, atitude preconceituosa, atitude negativa ou positiva, atitude política, atitude lingüística.[...]”

Pedroso (2018) em seu estudo sobre Atitudes lingüísticas nas mídias locais (em Cáceres-MT) nos lembra que existe uma confusão em relação ao conceito de crença e atitudes. A esse respeito, a autora nos direciona a diversas pesquisas, por meio de um paronoma completo de estudos já realizados. Como exemplo, podemos citar o trabalho de Botassini (2013) o qual esclarece que a atitude faz parte da crença, com aspectos como a [...] “o conhecimento, o sentimento e o comportamento”[...] (BOTASSINI apud Pedroso, p. 36).

Além do mais, é muito delicado o limite entre as definições, por exemplo, de “atitude<sup>6</sup>” e “comportamento”, “atitude” e “postura”, que, muitas vezes, são expressões tomadas como sinônimas, mas que, na verdade, podem não o ser, dependendo do contexto em que se encontrem.

Para esta pesquisa, nos interessa saber um sentido em especial de atitude, o sentido voltado à ciência lingüística que, por sua vez, tomou emprestado o seu sentido da Psicologia Social. Segundo Lambert e Lambert (1972, p. 7), a Psicologia Social é “o estudo experimental dos indivíduos, examinados no seu enquadramento social e cultural”. Os autores estabelecem que o levantamento das atitudes se transformou em uma preocupação importante dos psicólogos sociais por se tratar de um fenômeno psicológico complexo que se reveste de grande significado social. Para esses autores,

Atitude é uma maneira organizada e coerente de pensar, sentir e reagir em relação a pessoas, grupos questões sociais ou, mais genericamente, a qualquer acontecimento ocorrido em nosso meio circundante. Seus componentes

---

6 No sentido geral, atitude significa; “posição, postura; modo de proceder ou agir; comportamento, procedimento; postura reveladora das disposições do ânimo para agir, reveladora dos sentimentos; reação ou maneira de ser, em relação a determinada(s) pessoa(s), objeto(s), situações etc.” (FERREIRA, 2009; HOUAISS, 2009).

essenciais são os pensamentos e as crenças, os sentimentos (ou emoções) e as tendências para reagir. (LAMBERT; LAMBERT, 1972, p. 78).

Podemos observar que as atitudes linguísticas exerce o papel de definir não só os modos de falar, mas também pode contribuir para mudanças linguísticas, manutenção ou eliminação de uma variedade linguística.

Faz-se necessário compreendermos conforme Calvet (2002, p. 57) nos mostra, “[...] existe todo um conjunto de atitudes, de sentimentos dos falantes para com suas línguas, para com as variedades de línguas e para com aqueles que as utilizam, que torna superficial a análise da língua como simples instrumento”. (CALVET, 2002, p. 57).

Parafraseando Pedroso (2018, p. 33) as atitudes linguísticas exercem o papel de definir não só os modos de falar, mas também pode contribuir para a mudança linguísticas, manutenção ou eliminação de uma variedade linguística. Nessa direção, a pesquisadora acredita que “[...] quanto mais negativa for a atitude de um indivíduo frente ao seu falar, maior a probabilidade desse falar desaparecer, [...]”.

Perceber e compreende o comportamento humano é buscar entender as atitudes realizadas pelas pessoas em determinadas situações requer levar em conta as razões que propiciam essas ações, as quais nascem da interação de diferentes fatores, como personalidade, cultura, experiências pessoais, entre outros.

Nessa direção devemos compreender que as atitudes não são traços instintivos às pessoas, elas são construídas e assimiladas no sistema de socialização. De acordo com Lambert e Lambert (1972), as atitudes são costumes sérios, no sentido de que são traços assimilados de ajustamento. A compromisso de ajustamento social das atitudes realiza papel de oportunizar às pessoas oportunidade de uma boa acomodação social, permitindo a manutenção mais equilibrada ou menos equilibrada de nossas relações com outros indivíduos. Sua evolução necessita seguir três princípios estabelecidos de aprendizagem inter-relacionados: os princípios de associação, de transferência e de satisfação de necessidades.

Outros elementos que são assimilados, aprendidos, são os sentimentos e as tendências reativas, na maior parte das vezes, através dos fundamentos da associação e da satisfação de necessidades. Desse modo, parafraseando Botassini (2013) podemos perceber que evitam-se pessoas ou situações relacionadas a casos desagradáveis e relaciona-se com o que associa-se à acontecimentos agradáveis. Frequentemente, a inaptidão da pessoa em entender por qual razão ela acredita e reage de um modo particular perante de um objeto ou fato social a leva a

considerar os pensamentos e as crenças alheias, sendo capaz de pegar para explicar seus próprios sentimentos e tendências reativas. Considera-se, então, nesse fato, o princípio de transferência. É através da observação, do reconhecimento e da reprodução de indivíduos “modelos” sociais (familiares, pais, amigos, professores, figuras públicas e entre outros) que se assimilam e se constroem as atitudes.

Nesse sentido, Lambert e Lambert (1972, p. 99) explicam que, ao se sentir levado por um “professor” social, a pessoa passa a querer ser como ele, pois, “quanto mais digna de confiança e mais atraente é uma pessoa, tanto mais probabilidade de sua mensagem penetrar e influenciar as atitudes existentes”.

Assim, Botassni (2015) esclarece que no momento em que as atitudes estão formadas desenvolvidas

“[...] elas conferem regularidade à maneira de reagir e de se ajustar socialmente, ou seja, haverá uma tendência para reagir da mesma forma sempre que o indivíduo for exposto a uma situação semelhante. A aprendizagem e a formação de atitudes ocorrem ao longo da vida; mas, nas primeiras fases de desenvolvimento (infância e adolescência), seus componentes não estão tão rigidamente sistematizados que não possam ser modificados por novas experiências. (BOTASSINI, 2015, p. 118)

E, na estágio da vida adulta os autores Lambert; Lambert (1972, p. 78) afirmam que “sua organização pode-se tornar inflexível e estereotipada, especialmente para aquelas pessoas que foram encorajadas, no decurso de grandes períodos de tempos, a reagir segundo processos padronizados ou ‘aceitáveis’ a determinados acontecimentos e grupos”.

Assim, esse esboço teórico se faz necessário agora para que mais à frente possamos identificar as atitudes linguísticas dos usuários da página *Xômano que mora logo ali* em relação ao falar cuiabano.

## **2.4 Atitudes linguísticas e Teoria da Acomodação**

Sabemos que a linguagem possui diversas características e que são, frequentemente, centro de ‘opiniões’ quase sempre permeadas por situações contraditórias, mas que podem dizer muito sobre a diversidade linguística, bem como sobre o predomínio de uma determinada variedade sobre a outra. Assim, levando em conta essa realidade, alguns estudiosos têm desenvolvido pesquisas no âmbito da Sociolinguística, procurando entender e descrever a variação para além do que é dado linguisticamente. As pesquisas realizadas por Labov (1982

[1966] e 1972) são exemplos de estudos realizados que, para entender a variação linguística, é necessário ir além do que se observa nos dados de fala e investigar as relações estabelecidas entre os informantes e a sociedade em que estes se encontram.

Desse modo, o que notamos no espaço off-line, foi que em algumas situações, as variantes encontradas nos dados de fala são distintas daquelas que frequentemente são denominadas como corretas e aceitas por uma parcela da sociedade, a ocorrência dessas variantes menos prestigiadas está relacionada a uma preocupação em ser aceito socialmente. Todavia, observamos que nos espaços online, como na comunidade do *xômano que mora logo ali* está ocorrendo um processo de manutenção das variantes do falar cuiabano tidas como estigmatizadas nos espaços off-line. Em casos como esses, os pressupostos da Teoria da Acomodação podem lançar luz sobre os dados e ajudar a entender o comportamento linguístico desses integrantes da comunidade virtual.

Pois, a Teoria da Acomodação, formulada no âmbito da Psicologia Social desde Giles, Taylor e Bourhis (1973), busca determinar como os falantes se acomodam linguisticamente ao interlocutor. Nesse sentido, temos uma questão que norteará esse estudo, levando em consideração a mobilidade atual em que as pessoas interagem concomitantemente nos espaços *off-line* e virtual, por que os indivíduos estão buscando ambientes virtuais para utilizarem a variante cuiabana? Nossa hipótese é que as pessoas buscam por seus semelhantes, e os espaços virtuais têm proporcionado ambientes de identificação.

Assim, compreendemos que a teoria da acomodação junto à Sociolinguística dará suporte para respondermos a tal indagação. Visto que, o principal postulado da Teoria da Acomodação que nos interessa é o de que os indivíduos são motivados a ajustarem a sua fala ou acomodarem-se, a fim de expressarem valores, atitudes e intenções em relação a outras.

A Teoria da Acomodação comunicativa foi desenvolvida por Giles *et al* (1977), com o intuito de investigar as estratégias utilizadas na interação entre falantes (grupos e intergrupos) para alcançar a distância social desejada. Tornou-se mais interdisciplinar, permitindo então uma análise dinâmica em contextos variados para observar como os falantes vão se convergindo ou divergindo aos padrões comunicativos, acreditados como sendo característicos de seus interlocutores, observando a empatia e o desejo de sinalizar essa empatia, identidades sociais comuns, explicar a aprovação do outro, o respeito, a confiança, a cooperação e ainda desenvolver uma relação de proximidade ou difusão potencialmente flexível na situação comunicativa.

Desse modo, de acordo com o que Bortoni-Ricardo (2011, p. 106-107) direciona sobre a Teoria da Acomodação, é que se faz necessário compreender que o modelo da acomodação é seguido de quatro teorias psicológicas direcionadas, respectivamente, para os princípios de atração-similaridade- apoio; atribuição causal e distinção entre grupo. Esse modelo criou três conceitos essenciais: *convergência*, *divergência* e *complementariedade*.

Em termos gerais, de acordo com o princípio de atração-similaridade-apoio, quanto mais parecidas forem as crenças, as atitudes e o comportamento de uma pessoa em relação às outras é mais provável que ela seja atraída por eles. Assim, a *convergência da fala* é um auxílio utilizado nessa busca pela atração e apoio. O termo *convergência* é estabelecido para referir-se ao processo de mudança de fala, pois assim os falantes se esforçam para se tornarem mais parecidos com aqueles que estão interagindo.

O processo oposto à convergência está à *divergência linguística*, um afastamento das características da fala dos interlocutores. É uma tática de dissociação social, utilizada por grupos étnicos como recursos para manutenção de sua identidade. Isto é um meio para ressaltar a similaridade dentro do grupo e a distinção fora do grupo.

Assim, segundo Bortoni-Ricardo (2011) devemos compreender que Giles e Powesland (1975) buscaram postular que o engajamento em um processo de convergência poderia resultar em um retorno social positivo, representado pelo aumento de aprovação.

Outro conceito importante para compreensão do fenômeno da Acomodação está relacionado à origem na Teoria da *Atribuição Causal*. Assim, qualquer pessoa tende a compreender e avaliar as ações dos outros em situações e intenções que ele entenda como causas do comportamento alheio.

O terceiro conceito criado pela Teoria da Acomodação é o da *complementariedade de fala*. De acordo com Bortoni-Ricardo (2011, p. 109), “em uma interação didática, a relação é considerada completa quando se reconhece que um participante mantém um papel subordinado ao outro”.

Desse modo, consideramos importante a tradição da Psicologia Social no que tange a sua preocupação com os fenômenos linguísticos, da qual nasceu o modelo da acomodação, pois representa colaboração relevante para um entendimento mais claro das causas e motivações da variação linguística. Outro aspecto importante que não se pode deixar de abordar, mesmo que brevemente, é a relação entre língua, cultura e construção de identidade, como se fará a seguir.

## 2.5 Língua, cultura e construção de identidade

Ponderações muito interessantes sobre identidade não linguística, mas sim compreendidas em um sentido mais geral são feitas por Silva (2000). O autor associa ao conceito de identidade o conceito de diferença, resguardando serem estes dois conceitos reciprocamente determinados, na medida em que ser algo corresponde a não ser ou a distinguir-se de tudo o que se contrapõe àquilo. Em nosso caso, dizer, por exemplo, “eu sou cuiabano” pressupõe uma negação, ou uma diferenciação, do outro: “não sou paulista”. É importante apontar, ainda, que existe nessa relação entre identidade e diferença uma dualidade, enquanto um dos termos é prestigiado, valorizado, o outro, ao contrário, é negado, desprestigiado.

Assim, Silva (2000, p.77) ressalta que identidade e diferença além de serem mútuos, dividem uma característica comum, pois são frutos da criação linguística. Isso requer dizer que identidade e diferença são formadas historicamente, vivenciando um processo constante de mudança. Os atos de linguagem permitem que a utilização da língua se realize através dos atos de fala e, por eles, o homem se constitui e se percebe diferente.

Desse modo, a partir dos estudos de Battisti (2014) podemos compreender que as identidades são em parte construtos sociais, mesmo sendo vivenciadas pelos indivíduos e consideradas práticas sociais individuais. A autora ainda compartilha dos estudos de Bonnewitz (2003) o qual afirma que viver em sociedade requer socialização, isto é, estudo de normas, valores e crenças de coletividades que pautam suas práticas, suas ações e comportamentos. O que corrobora com Wenger (1998), em que a construção de identidade consiste em negociar os significados de nossa experiência de pertença a diferentes grupos sociais.

Assim, podemos perceber que nossas identidades são resultados de nossa associação social, das posições que ocupamos nos grupos de que fazemos parte, esses estruturados em relação aos campos ou classes sociais distintas.

Compreendemos, entretanto, que para identificarmos atitudes linguísticas faz-se necessário que entendemos a linguagem, a cultura e a identidade, isso porque o que as ligam é o fator social. Desse modo, pretendemos propor uma discussão acerca da língua como elemento simbólico cultural, e conseqüentemente, identitário. Pois, como vimos acima as identidades são construtos sociais e como sabemos a língua constitui-se em uma atividade essencialmente social, segundo Le Page (1980), o fato de a língua ser condicionada e modelada pela realidade

social e cultural faz dela também um índice por excelência de identidade, posto ser ela um determinante territorial e cultural de um povo.

Assim, conforme Tylor (1871), o termo cultura é entendido como um todo complexo incluindo os conhecimentos, as crenças, os modos, os costumes, assim como toda disposição ou uso adquirido pelo homem vivendo em sociedade. Nessa perspectiva, Chianca (2010) intensifica que a cultura é algo da qual a existência é característica à condição humana coletiva, ela é um atributo distintivo.

Justamente, por ser um atributo distintivo, a cultura acaba tornando-se essencial de identidade. Contudo, a construção de identidade pode acontecer de diferentes formas, especialmente por meio da linguagem. Isso por ser a língua parte social da linguagem e a linguagem manifestação do comportamento social.

Na mesma linha, Uflacker e Schneider (2008, p. 33) argumentam que identidade é “o conceito que o indivíduo tem de si próprio derivado do reconhecimento do pertencimento a determinado grupo social e relacionado com a significação emocional vinculada a essa pertença”. Assim, esse sentimento de pertença se mostra por meio do uso da linguagem, em que as representações de crenças e diferentes identidades sociais se mostram por atitudes linguísticas. Segundo as autoras, a diversidade linguística é conservada por relações de poder e de força entre os diferentes grupos sociais. Essas relações revelam a posição que as pessoas ocupam na estratificação social, bem como a linguagem que utilizam.

De acordo com Hobsbawm (1998), a língua retrata o mundo em que conhecemos e esse mundo é representado pela linguagem. Se a linguagem nos possibilita realizar leituras distintas e particulares do mundo e seu entorno, isso requer dizer que a forma com a qual lidamos e interagimos em sociedade recai nas manifestações linguísticas e conseqüentemente culturais. Assim, a partir da manifestação cultural em situações coletivas é que nós próprios nos identificamos.

Segundo Dubar (1991)

A identidade humana não é obtida de uma vez por todas no nascimento: ela se constrói na infância e, doravante, deve se reconstruir ao longo da vida. O indivíduo nunca a constrói sozinho; ela depende dos julgamentos dos outros quanto suas orientações e das definições de si. [...] A identidade é ao mesmo tempo estável e provisória, individual e coletiva, subjetiva e objetiva, biográfica e estrutural, dos diversos processos de socialização que constroem os indivíduos e definem as instituições. (DUBAR, 1991, p. 07)

A identidade possibilita que haja, então, a formação de visões de mundo. Contudo, a partir da comunidade virtual *Xômano que mora logo ali*, passamos a compreender que quando essa identidade é linguisticamente formada e determinada, e muitos falantes partilham do mesmo grau de complexidade linguístico, e, portanto, identitário, na presença da cultura que integram, se cria uma nova visão. Assim, esse estudo assume novas configurações diante dos contextos em que se apresentarão a língua, nesse caso, portuguesa. Tal afirmação é partilhada por Chianca (2010), quando afirma que a língua deve ser objeto de estudo e, portanto, de análise.

Assim, nesse caso não nos interessa descrever e analisar a língua intuitivamente, mas perceber como o contexto virtual em que é encontrada pode inserir em si traços distintos de autoafirmação e identidade mesmo quando seus falantes passem a ocupar lugares distintos. Desse modo, entender como esse contexto virtual contribui para a construção da identidade e para que cada comunidade linguística construa a sua concepção de mundo, institui-se motivo da reflexão.

## **2.6 Variação, mudança e não mudança linguística: no falar cuiabano do *Xômano que mora logo ali***

O cenário Mato-Grossense no século XXI avizinha-se de uma teia linguística que implica muitas vozes. A história de sua construção, em meados dos séculos XVIII, XIX e XX, e as últimas quatro décadas, imprimem um quadro linguístico aparentemente homogêneo, contudo Mato Grosso se converteu, nesses tempos de grande fluxo migratório, em um campo claramente heterogêneo. Conforme afirma, Cox (2009, p. 8) “[...] escutam-se aqui não mais apenas as notas do falar cuiabano, mas também as do gaúcho, do paranaense, do catarinense, do goiano, do mineiro, do paulista, do nordestino entre outros brasileiros.”.

Desse modo, diante da história de formação do Estado de Mato Grosso, percebe-se que as relações entre a variedade linguística local e as dos migrantes estavam distantes de ser tranquilas. Além do mais, sabemos que tensão e conflito são sempre fatores presentes nos cenários onde diferenças linguísticas se entrecruzam, visto que as diferenças, geralmente, são hierarquizadas segundo o status socioeconômico de seus falantes. Ou seja, invariavelmente separam-se em variedades de prestígio e variedades estigmatizadas, e isso pelo poder maior ou menor de seus falantes.

Na comunidade do *Xômano que mora logo ali*, no entanto, encontramos a representação do falar cuiabano que nos leva a um novo cenário, que considerando esse processo histórico, podemos ver que na contramão da mudança linguística situa-se a prática do uso linguístico. Então, o que constatamos, a partir de outros estudos como o de Dettoni (2003), foi a efervescência da mudança linguística:

Com base no meu conhecimento empírico da comunidade investigada, formulei a hipótese de que a variedade linguística da baixada cuiabana encontra-se em fase adiantada de mudança linguística no sentido de perda vários traços típicos. Muitos, desses traços são estigmatizados e vêm sendo substituídos por formas portadoras de maior prestígio. (DETTONI, 2003, p. 90)

No contexto virtual da comunidade do *Xômano que mora logo ali*, identificamos uma realidade diferente, para com os mesmos traços linguísticos. Desse modo, saímos de contexto de tensão entre variantes e passamos ao contexto calmo no qual agora tem-se a valorização, a prática dos fenômenos. O que nos leva a pensar na possibilidade de estar ocorrendo na comunidade virtual a manutenção do falar cuiabano.

Considerando o ambiente virtual, percebemos que a comunidade do *Xômano que mora logo ali*, promove a conscientização linguística voltada para a sensibilização à diversidade linguística, cultural e conseqüentemente, a manutenção de línguas minoritárias. Não há manutenção, promoção ou revitalização linguística sem que exista a consciência por parte do falante do valor dessa língua e da importância dessa ação.

Desse modo, nessa direção, buscaremos observar a situação linguística encontrada na comunidade virtual do *Xômano que mora logo ali*, uma vez que nessa comunidade há representação do falar cuiabano. O qual em outros estudos é possível ver que os falantes do dialeto cuiabano, principalmente, os jovens estão se sentindo estigmatizados pelo falar, o que propiciaria aparentemente uma mudança linguística.

Sobre isso, Assis-Peterson (2005, p. 195) argumenta:

Sob o impacto de forças discriminatórias e de diferentes pressões sociais a estigmatizar a pronúncia carregada dos cuiabanos, fortemente marcada pelos sons **tj** e **d3**, muitos cuiabanos viram-se obrigados a apagar traços de seu linguajar. Nessa conjuntura desfavorável à cultura local, o falar cuiabano foi fenecendo.

Dado a evolução histórica e o atual contexto da internet, observamos que a comunidade do *Xômano que mora logo ali*, vem propiciando uma situação de manutenção linguística, tendo em vista que assim, a comunidade vai ao sentido contrário do que muitos estudiosos já afirmaram estar à variedade linguística Cuiabana, no caso percebemos um processo de manutenção linguística no sentido de manter traços típicos dialetais, que são estigmatizados.

Nesse sentido, é necessário reconhecer que, assim como determinados fatores linguísticos e sociais se configuram como facilitadores de mudança linguística, outros se apresentam como favorecedores de manutenção linguística.

Desse modo, dentre os vários fatores sociais que influenciam nesse processo de manutenção linguística, ressalta-se o contato entre os falantes. Pois, conforme Silva Neto (1976, p.184), “o fator responsável pelo desenvolvimento e evolução das sociedades é o contato. Ele traz consigo, vindos de fora, diferentes pontos de vista, diferentes ideias, diferentes atitudes. É, em suma, o responsável pela mudança cultural.” De outro lado, “o isolamento condiciona um tipo arcaico da vida e, conseqüentemente, uma linguagem mais conservadora” (op.cit, p.186).

## **2.7 As normas linguísticas e heterogeneidade da língua**

Esta subseção se faz necessária uma vez que compreendemos o quão intenso vem sendo o processo do normativismo linguístico, pois, podemos notar que na nossa sociedade ainda possui fortes relações com variedades de prestígio. E até mesmo no contexto digital o normativismo linguístico está vigorado, pois vem crescendo o número de comunidades dedicadas em “proteger” a língua portuguesa. Desse modo, compreender o sentido e função da linguística se faz necessário mesmo que de modo breve, para que mais à frente possamos mostrar como a nossa comunidade lida com as normas linguísticas.

A compreensão de norma que direciona nosso estudo se apoia principalmente nos estudos de Faraco (2008) e Bagno (2011). Essa compreensão requer uma visão sobre a língua como de fato ela é, diversificada e mutável, com entrada para uma heterogeneidade de utilização fora aqueles fixados pela Gramática Normativa.

Nesse sentido, passamos a compreender que não é possível aceitar a ideia de que as línguas se formam igualmente, de modo à permitir que suas realizações verbais ou escritas sejam identificados como "corretos" ou "incorretos". Anteriormente, toda língua se formou como um composto de variedades constituída de diversidades mutuas, sendo capaz de ser

aplicada conforme as circunstâncias sociais de interação. Assim, concordamos com Bagno (2011, p. 356) quando diz ser improvável desprender da língua "o que pertence à estrutura ou ao sistema linguístico [...] e o que é constructo cultural, social, político, ideológico". Então, conforme a tradição histórica cada língua termina possuindo uma de suas variedades estabelecida como favorecida sobre às demais, principalmente em contextos formais de interação.

Desse modo, somos levados a compreender que essa variedade da língua, é escolhida aproximadamente de modo inconsciente por fundamentos culturais e assecíveis, e não como muito se pensa, por atribuições linguísticas ascendente aos atributos de outras variedades, começa a nortear oficialmente as realizações comunicativas na escrita e na oralidade. Começa a ser privilegiada como superior sobre às outras variedades, tornando-se referência para a educação e passa a ser imposta nos contextos formais de desempenho. Desse modo, Faraco (2008, p. 37), nos direciona a conceituar o termo norma como "determinado conjunto de fenômenos linguísticos (fonológicos, morfológicos, sintáticos e lexicais) que são correntes, costumeiros, habituais numa dada comunidade de fala". Isto é, norma nesse sentido não é tomada como regulamento ou regra, mas sim no sentido de "normalidade", de utilidade habitual em específica comunidade de fala.

Assim, é possível perceber que a definição de norma está relacionada diretamente com esse caminho e esse modo de conviver com as variedades da língua. Desse modo, tanto na língua portuguesa, como no espaço digital em qualquer linguagem orgânica, coexistem diferentes normas linguísticas, mesmo que diante da coletividade tenha reconhecimento somente aquela noemada de norma padrão.

Pedroso (2018), ao abordar sobre normas linguísticas, nos mostra como comportamentos preconceituosos a todo momento fizeram parte da formação da língua portuguesa. Ela expõe que o objetivo era um ter país europeu, ainda que para tal feito fosse preciso calar diversas vozes que não atendiam com esse "padrão" de país.

A pesquisadora valida sua fala com uma citação de Faraco (2008) apresentando que "no século XIX, o objetivo foi "[...] calar as variedades rurais e (progressivamente) rurbanas" (FARACO apud PEDROSO, p. 23). Desse modo, visualizamos que a norma linguística, não se refere ao que é possível dizer numa língua, mas sim ao que de fato se diz em um determinado grupo ou comunidades de falantes.

Assim, a formação da língua portuguesa, é formada por alguns desacertos que resultaram em preconceito linguístico contra muitos falantes. Um deles reside na confusão entre língua e norma padrão. Pedroso (2018) afirma

Quando essa associação acontece, todos os usos linguísticos não correspondentes a essa norma são taxados como errados. No entanto, não se pode alegar que uma pessoa fala errado, pode ocorrer que ela não fale de acordo com a norma padrão, que seu falar não condiz com essa norma, mas afirmar que um sujeito fala errado é confundir a fala com a norma padrão. Por isso, é necessário levar em conta que essa norma não é a língua. (PEDROSO, 2018, p. 23).

A pesquisadora evidencia sua fala com afirmações de Faraco (2008) como em “Dessa identificação da língua com a norma-padrão decorre a dificuldade da linguística e dos linguistas em acomodar em seus modelos teóricos a heterogeneidade empírica que caracteriza qualquer realidade linguística” (FARACO apud PEDROSO, p. 23).

Nessa direção, faz-se necessário entender que língua é dinâmica e está exposta a diversas variações. Particularidade de toda e qualquer língua o que torna impossível para os falantes falar de um modo apenas. Além disso, Pedroso (2018) evidencia: “Com a ascensão dos meios de comunicação, a confusão ficou ainda mais acentuada, pois a mídia propaga discursos preconceituosos em relação aos usos linguísticos dos brasileiros, justamente por fazer confusão língua/norma padrão.[...]” (PEDROSO, 2018, p. 23).

Pois, quando diz respeito dos usos da língua, muito do que podemos ver são os discursos puristas, e com o advento da era digital isso se tornou mais evidente. Esses discursos estabelecem um conjunto de limitações aos usos reais dos falantes sob o nome da norma culta. Em razão disso, Faraco, (2008) de modo irônico entula esse comportamento de "norma curta". Fato arbitrário pois, se baseia em proibição em relação ao que se deve ou não falar. Em suma, refere-se em defender detalhes não tão significantes como se trata-se de pontos únicas e decisórias no que se refere ao porvir da língua e de seus falantes.

Nesse sentido, a "norma culta", torna-se “norma curta” no momento em que se realiza como uma norma “[...]que a pequena língua, que encurta sua riqueza, que não percebe (por conveniência ou ignorância?) que o uso culto tem abundância de formas alternativas e não se reduz a preceitos estreitos e rígidos” (FARACO, 2008, p. 66). Assim, o irônico, pode auxiliar elucidar a cegueira de uma definição de norma que minimiza o todo da língua a um modelo sintético, imaginado, que se busca determinar aos falantes como único desempenho capaz.

Desse modo, podemos observar que a intenção em construir um modelo linguístico para as línguas, é a consequência, da formação de emancipação dos Estados modernos. A aceitação de uma norma padrão/modelo consegue o cargo de desprestigiar pretensões locais por autonomia, não dando direito aos grupos contrários à autenticidade da perspectiva da heterogeneidade da língua. Assim, a norma padrão resulta em um conjunto de variedade linguística percebida como modelo ideal. Desde o começo, a norma padrão se distancia das utilizações verdadeiras e se sistematiza em normas como as gramáticas e os dicionários da língua. Claro que não somos contra as gramáticas e dicionários, o que nos incomoda é o que acontece quando se diz respeito a utilização, como se esta de fato fosse o padrão para a linguagem do dia a dia.

O que gostaríamos de esclarecer, o que de fato existe são normas, no sentido plural e uma única norma de uso da língua. As comunidades, sejam elas virtuais ou não, tem suas normas específicas. De modo que a soma dessas normas entrega à língua portuguesa a sua dinamicidade e diversidade.

Assim, Faraco (2008, p. 46) destaca essa divisão entre o português culto x português popular ou português padrão x português não padrão são incapazes de descrever a complexidade dos fatos linguísticos do português brasileiro. O que são somente simplificações utilizadas para detalhar o fenômeno linguístico como um todo.

## **2.8 Normas linguísticas e as variantes estigmatizadas: Como elas são tratadas nas redes sociais digitais**

Nesta subseção, discorreremos sobre as normas linguísticas nas redes sociais digitais e a influência dessas nos usos linguísticos dos integrantes e nas atitudes linguísticas, pois, visamos argumentar, ao longo desse estudo, o modo como essa rede digital interfere na formação do comportamento linguístico das pessoas diante do próprio falar e dos falares dos outros.

Contudo, antes da efervescência das redes sociais digitais, a mídia<sup>7</sup> deixava de utilizar os falares locais, e assim a norma culta passa a ser favorecida e eleita. Nesse sentido, Pedroso (2018) nos explica que “[...] é como se essas variedades locais não fossem importantes, mas,

---

7 Quando nos referimos ao termo mídia, estamos fazendo menção à televisão, rádio, revistas e jornais.

principalmente, a inibição dessas variedades nos suportes midiáticos falados locais faz com que os sujeitos acreditem que esses falares são errados, sendo assim não devem ser manifestados. (PEDROSO, 2018, p. 31). A esse respeito, ela nos direciona a leitura de Faraco (2008) o qual explica a esse respeito:

Como fruto das políticas homogeneizantes do Estado Novo getulista (1937-1945), nossos meios de comunicação social - o rádio, primeiro, e, depois a televisão – tenderam sempre a uma pasteurização da variedade linguística, barrando a presença, no seu espaço, da maior parte das variedades do português falado no Brasil. Só mais recentemente é que se começou a fazer menção à necessidade de dar espaço e audibilidade aos diferentes (assim chamados) sotaques brasileiros. Note-se, porém, que por “sotaques” normalmente se entende, neste tipo de discurso, não toda e qualquer variedade, mas apenas as diferentes pronúncias regionais das variedades urbanas tradicionais, ou seja, da linguagem urbana comum. (FARACO, 2008, p. 45)

Com a era digital as redes sociais assumem de certo modo o posto de maior visibilidade no lugar das mídias, e torna-se inquestionável que as redes sociais digitais, mais especificamente o *facebook* contribuam significativamente na construção do nosso imaginário. Assim, quando essa rede social cria comunidades em que utilizam os falares locais, estão indo na contramão daqueles que privilegiam e contemplam somente a norma culta, é como se essas variedades locais demonstrassem a sua importância, mas, principalmente, saíssem do contexto de inibição dessas variedades nos suportes digitais, fazendo com que os sujeitos reforcem suas identidades linguística e cultural e passem a perceber que esses falares não são errados, como em outros momentos foi exposto pela mídia em geral. As redes sociais possibilitam aos indivíduos criarem espaços para expressarem e conservarem o seu falar local, que é o caso da comunidade do *Xômano que mora logo ali*. Porém, é claro que ainda existem aqueles que “defendem” a rigor a língua portuguesa, tanto que nas redes sociais digitais ainda é possível ver essa inibição, com comunidades criadas em defesa do falar correto da língua.

A ilusão de que devemos adotar e transmitir exclusivamente a língua culta está tão fixa que a “proteção” da língua é uma tentativa sempre adotado por indivíduos que decidem a reagir e proceder em oposição aos usos linguísticos, os quais para eles são um ponto de partida para “matar”, “corrompe” ou ainda fazer “retroceder” a língua, e muitas pessoas partilham dessa perspectiva. Como, podemos ver:

Criada em agosto de 2011, a *fanpage Língua Portuguesa* chama a atenção pela sua popularidade, aferida pela quantidade de “curtidas” que a página apresenta: quase um milhão e quatrocentas mil até meados de janeiro de 2016. Parece ser, de longe, a página mais popular nessa categoria. Pode-se afirmar,

assim, que as ideias ali veiculadas certamente terão um impacto em construir e/ou manter um determinado imaginário sobre a língua portuguesa. (BEZERRA; PIMENTEL, 2016, P. 241).

Podemos observar que neste espaço virtual de constante interação, que muito se tem falado em relação a língua, é fato dela estar sendo minimizada a um imaginário normativo e, logo, vista como algo que precisa de “proteção”, que é revelado por falar e escrever de acordo com o esperado. Desse modo, nós entendemos essas ações como preconceito com outros falares. Isso porque, o preconceito linguístico tem a ver diretamente com a rejeição da identidade linguística do outro. Pois, rejeitam os usos linguísticos do outro com base no normativismo linguístico, a sensação histórica de imposição que a norma culta perpassa.

Podemos ver que as comunidades virtuais destinadas como essas em “proteção” da língua portuguesa, elevam uma falsa ideia: a de que oferecer aos indivíduos o acesso à norma padrão da língua é estratégia suficiente para cortar o preconceito linguístico.

Pois, como é sabido as formas de expressões reais de uma língua são “segregadas” do padrão considerado culto em relação a alguns estigmas, traços linguísticos de usos, condicionadas por fatores sociais, regionais e econômicos, que diante aos pertencentes às classes letradas e economicamente estáveis, as fazem diferentes da variante de prestígio. Desse modo, “estigmas são julgamentos bastante negativos que os grupos sociais hegemônicos fazem sobre os grupos subalternos, seja por seu modo de ser, por sua cultura e, obviamente por sua língua” (BORTONI-RICARDO, 2013, p. 47).

Diante do que se escuta nos meios sociais a respeito da variante de prestígio em detrimento das outras, podemos ver alguns registros de fala ou escrita de pessoas, pertencentes a essas comunidades estigmatizadas, serem taxados, agora nos espaços digitais, nas redes sociais, de “errados” ou “feios”. A partir disso podemos, em uma observação, perceber que se trata de um preconceito não apenas linguístico, mas social também, visto que esses julgamentos vêm sempre de comunidades que se dizem ‘letradas’ e economicamente ‘dominantes’. Um exemplo disso foi o fato ocorrido no ano passado, que culminou na criação do movimento do “Orgulho Nordestino”, algumas pessoas enxergam a norma culta da língua como se esta fosse à única, como se todos fizessem uso dela e que todas as outras formas fossem inadequadas, onde sabemos que todas as variantes são adequadas no sentido em que completa sua função: o cumprimento do seu efeito comunicativo. Como podemos compreender, ela é socialmente mais valorizada, mas não é a única.

Diante dos padrões linguísticos impostos, o *Facebook* tem sido um meio para várias comunidades virtuais disponibilizarem conteúdos que valorizem, divulguem e promovam grupos sociais e ideias em defesa de outras variantes linguísticas. A exemplo da comunidade do *Xômano que mora logo ali*, que mostra a valorização de culturas regionais e de variedades linguísticas do Brasil. Assim, é possível adotar uma conduta que concebe os empregos atípicos da língua como sendo naturais, isto é, reconhecendo que os usos linguísticos que diferem das prescrições da gramática normativa nada têm de estranho, canhestro, mas que são perfeitamente inteligíveis e válidos, sobretudo, que as atitudes daqueles que integram a comunidade são positivas em relação ao seu falar, e que existe um sentimento de pertencimento e de valorização.

Diante disso, podemos observar a importância dessa comunidade virtual, uma vez que ao promoverem a valorização e promoção de cultura, reforçam a identidade dos integrantes por meio de posts com o falar cuiabano que refletem as características peculiares desse falar, e que em outras circunstâncias não é bem aceito. Dunga Rodrigues, na crônica ‘Mulheres de fibra’, constatou que:

Cuiabá está perdendo a sua fala típica, na mescla de novos elementos que, de repente, implantam o seu falar, as suas maneiras e tudo de forma tão rápida que, daqui a pouco, o que nos era habitual se torna arcaico, da noite para o dia. Os ditos, que entremeavam as conversas, já sumiram. Os mais velhos vão desaparecendo e os jovens já nascem em outra. (RODRIGUES, 2013, p. 23)

Como podemos perceber, a comunidade virtual é importante, pois resgata a cultura e a identidade cuiabana, fazendo uso do humor para representar situações que remetem ao cotidiano e à memória coletiva regional.

Portanto, diante do exposto, evidenciamos que as redes sociais digitais podem desempenhar papel resistente na relação de poder na sociedade. Pedrosa (2018, p. 33) atestou que os meios de comunicação, “[...] além de interferir no modo de vida das pessoas, influenciam na maneira de falar dos espectadores.[...]”. Nesse sentido, ela cita Bagno (2003) que afirma “Somos muito mais influenciados pelas “modas” linguísticas da televisão e do rádio e, em menor escala, da imprensa escrita do que pelo trabalho estilístico dos autores de ficção” (BAGNO apud PEDROSO, 2008, p. 33). E hoje, podemos dizer, muito mais ainda por conta da internet e das redes sociais.

### SEÇÃO III

## PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

Os procedimentos utilizados durante a pesquisa e a coleta de dados são componentes metodológicos importantes, e nesta seção serão abordados respectivamente em suas subseções, a metodologia adotada neste estudo e a constituição do *corpus*, para a compreensão de como foi realizada a pesquisa.

### 3.1 A metodologia adotada neste estudo

A execução deste estudo se deu por meio da coleta de publicações encontradas na internet, mais especificamente no site Facebook na comunidade virtual *Xômano que mora logo ali*. As publicações selecionadas foram armazenadas em sua forma original, com registro por meio de imagem (captura de tela).

Desse modo na primeira etapa da pesquisa, realizamos um trabalho de observação, pois conforme Tarallo (1990), o método da observação é de suma importância, uma vez que é necessário analisar a comunidade como um todo, para a coleta de dados. Assim, desde o primeiro momento em que conhecemos a página virtual do *Xômano que mora logo ali*, passamos a observar não só as publicações, mas também a interação dos integrantes da página. As observações revelaram mais do que já foi descrito. Diversas ações, como comentar e curtir, serviram para nos direcionar e indicaram outros caminhos para a obtenção dos dados que queríamos. Além disso, essa fase de observação foi importante para comprovar nossa hipótese de que as pessoas buscam por seus semelhantes, por sua identidade linguística e cultura, e os espaços virtuais têm correspondido a essas buscas por meio de publicações que representam a cultura e o falar cuiabano proporcionando “segurança na comunidade”.

A partir da concepção de que a Sociolinguística, como toda ciência, procura validar seu campo de investigação por meio de modelos de descrição científicos, optamos pelo modelo de descrição dedutiva que parte do geral para o específico. De acordo com Razky e Oliveira:

Para a sociolinguística, esse componente é válido também quando se trata, por exemplo, de pedir o ponto de vista de um falante sobre sua maneira de falar e sobre a maneira de falar dos outros. A teoria da variação integrou essa descrição para poder quantificar as atitudes linguísticas da comunidade linguística a respeito do seu modo de ver a língua. O respeito à diversidade

passa por uma atitude descritiva dos pontos de vista, concepções, preconceitos, aspirações [...] (2014, p. 47).

Desse modo, nossa análise se dará na perspectiva de caráter exploratório e descritivo. Assim, quanto aos objetivos da pesquisa, que se definem em bibliográfica, de campo e com uma estratégia qualitativa, observa-se a presença da exploratória e a descritiva que são fatos observados, analisados, registrados, classificados e interpretados, sem interferência do pesquisador, utilizando técnicas padronizadas de coleta de dados como observações através da mídia social *facebook*, definindo a relação da pesquisa bibliográfica com a de campo.

### **3.2. Definição e constituição do *corpus*, coletado na comunidade virtual *Xômano que mora logo ali***

Como *corpus* para este estudo, tomamos os dados coletados da comunidade virtual *Xômano que mora logo ali* por meio de recortes (ferramenta *print screen*)<sup>8</sup> das postagens publicadas na página e também coletamos respostas dadas pelos integrantes da comunidade nas postagens dos comentários. As publicações foram selecionadas por meio da ferramenta *print screen* identificadas como figuras, e os comentários e postagens foram classificados e numerados como excertos.

O período da coleta dos *posts* abarca desde a fase de observação da comunidade virtual, correspondendo ao período do segundo semestre de 2017. Os *posts* escolhidos foram selecionados pelos critérios de maior de audiência da página. Dentre as mais de 1500 postagens já feitas, foi possível tomar conhecimento e expor aqui as publicações que mais repercutiram na rede social segundo os botões de interatividade, curtir, comentar e compartilhar. Além das avaliações sobre a comunidade deixada pelos integrantes.

Então, o *corpus* de análise é composto por nove postagens, e cinco avaliações feitas pelos integrantes da comunidade, além disso contamos com mais 2 depoimentos também deixados por eles na página. Contamos, portanto, com 9 *posts* selecionados (Tabela 2), que evidenciam usos linguísticos de ordem fonológica e lexical.

---

<sup>8</sup> A ferramenta, *print screen* significa captura da tela. Foi o meio que encontramos para reproduzir de modo mais fiel e dinâmico as publicações da comunidade virtual.

**Tabela 2: seleção do *corpus*: variação linguística na página virtual *Xômano que mora logo ali***

Posts	Legenda do post	Seleção dos usos linguísticos	Avaliação dos integrantes sobre a publicação
1	Acordei pra espera tchove pra dormi de novo...	Realizações africadas [tʃ] e [dʒ] em vez das fricativas [ʃ] e [ʒ]: <b>[tchuva]</b> e <b>[hodjê]</b>	1, 2 mil curtidas 79 comentários 352 compartilhamentos
2	Eu	Realizações africadas [tʃ] e [dʒ] em vez das fricativas [ʃ] e [ʒ]: <b>[djog]</b> , <b>[cácthorro,]</b> <b>[tchá]</b> , <b>[tchupá]</b> , <b>[cádju]</b> e <b>[micadje]</b>	823 curtidas 73 comentários 125 compartilhamentos
3	Hodjê tem Framengo e Fruminense	Realização do rotacismo da lateral alveolar em grupo consonantal: <b>[framengo]</b> e <b>[fruminense]</b>	424 curtidas 16 comentários 49 compartilhamentos
4	Panhánu a brusa	Realização do rotacismo da lateral alveolar em grupo consonantal: <b>[brusa]</b>	627 curtidas 28 comentários 162 compartilhamentos
5	Melhor bala de coco do mundo	Realização de Shô usados para senhor/seu: <b>[shô Antonio]</b>	357 curtidas 52 comentários 102 compartilhamentos
6	Crima compretamente nubrado	Realização de Shô usados para senhor/seu: <b>[shô critinu]</b>	1,4 mil curtidas 54 comentários 1,138 mil compartilhamentos
7	Deus medibre metchê cu banho hodjê	Variação lexical: <b>[vôte]</b>	245 curtidas 7 comentários 66 compartilhamentos
8	Ou caga ou sai da moita	Variação lexical: <b>[canhâim]</b>	405 curtidas 5 comentários 55 compartilhamentos
9	Vôte!	Variação lexical: <b>[Rebuça]</b> em vez de cobrir, recobrir	920 curtidas 57 comentários 195 compartilhamentos

**Fonte:** Tabela elaborada com base nos dados coletados na página virtual *Xômano que mora logo ali*

Elaboramos essa tabela sobre a seleção do *corpus*, com intuito de ter uma visualização mais organizada dos posts selecionados para a subseção da variação linguística na comunidade *Xômano que mora logo ali*, de modo que possamos ver também a dimensão da repercussão que as publicações atingiram.

**Tabela 3: seleção do *corpus*: atitudes linguísticas publicadas na página virtual *Xômano que mora logo ali***

<b>Numero</b>	<b>Título</b>	<b>Avaliação dos integrantes sobre página virtual <i>Xômano que mora logo ali</i></b>
1	Avaliação 1	“Humor inteligente, com resgate cultural...”
2	Avaliação 2	“Valoriza nossa cultura”
3	Avaliação 3	“Vocês representam os cuiabanos”
4	Avaliação 4	“Página que valoriza e dá vida a história de Cuiabá, Várzea Grande em fim todo o Mato Grosso... Xomano é djente da djente...”
5	Avaliação 5	“Mash quá! tenho sangue cuiabano, a tchapa da família paterna é daí ...”
1	Depoimento 1	“Melhor página de Cuiabá! Aqui dou valor a minha terra natal”
2	Depoimento 2	“Valoriza a cultura cuiabana de forma gostosa e divertida.”
3	Depoimento 3	“Você fez eu volta a amar ser #cuiabano...”

**Fonte:** Tabela elaborada com base nos dados coletados na página virtual *Xômano que mora logo ali*

A tabela (3) refere-se as avaliações e depoimentos dos integrantes que selecionamos da comunidade virtual. Veremos mais detalhadamente na próxima seção.

## SEÇÃO IV

### ANÁLISE DOS DADOS

Nesta seção analisamos as publicações selecionadas da comunidade virtual do *Xômano que mora logo ali*, sob dois aspectos, o primeiro sobre a variação linguística nas publicações da página virtual e o segundo, em relação às avaliações sobre a comunidade deixada pelos integrantes.

#### **4.1 A variação linguística nas publicações da página virtual *Xômano que mora logo ali***

A crescente diversidade de recursos utilizados para a comunicação tem desenvolvido muito a vida e os hábitos das sociedades. O *Facebook*, por exemplo, é um recurso para a comunicação que propaga a interação e constitui uma representação da diversidade da fala.

Sabemos que o uso da linguagem tornou-se necessário para a comunicação, às várias mudanças ocorridas com o uso da língua passaram a fazer parte do meio social. A ideia de que a língua é uniforme ainda faz parte dos ambientes presenciais, priorizam, muitas vezes, a norma culta, descartando a diversidade linguística, principalmente aqueles falares mais estigmatizados. Desse modo, observando outras comunidades virtuais no *facebook* e toda relação dos usuários do site no tocante à linguagem, é possível perceber que diante de observações acerca do seguimento de interação ocorre, em grande parte, uma visão crítica e preconceituosa a respeito da linguagem escrita usada por internautas, que nada mais é do que uma representação da fala.

As publicações do *Xômano que mora logo ali*, veiculadas no *Facebook*, tornam-se objetos passíveis de pesquisa, uma vez que estaremos abordando sobre a variação linguística de um falar típico do português do Brasil: o dialeto falado na região Centro-Oeste em Cuiabá.

Para isso, o nosso objeto de apreciação se constitui de 9 *posts*, publicados na página virtual em que são observados os fenômenos variáveis. Ressaltando que a análise se dá em um contexto da variação externa diatópica, também conhecida por regional ou geográfica, que se refere à origem de uma pessoa através do modo como ela fala.

Observando a demanda de acesso à rede social *Facebook*, podemos perceber na *fanpage* (comunidade virtual) *Xômano que mora logo ali* a presença de fenômenos linguísticos relacionados com a variação linguística; através de suas publicações, podemos identificar a

identidade da região e destacar fenômenos linguísticos presentes nas falas, assim como os traços morfológicos e lexicais presentes nas publicações.

Desse modo, pode-se compreender que a comunidade virtual do *Xômano que mora logo ali* além de operar na disseminação da cultura cuiabana, desperta nos seus integrantes a percepção da sua identidade linguística, uma vez que ela contribui para a popularidade dos aspectos linguísticos da região, como a fomentação da identificação cultural dos cuiabanos, para o seu senso de pertença a essa cultura. Contudo, questionamos: de que modo esse “retorno às origens” pode ser possível na era digital?

Pois, estamos tratando de uma tríade, língua, cultura e sociedade que é muito difícil separar as relações existentes nesse conjunto. Barbosa (1981) afirmou: “Língua, sociedade e cultura são indissociáveis, interagem continuamente, constituem, na verdade, um único processo complexo” (BARBOSA, 1981, p.158). Sabemos que o falar cuiabano apresenta determinadas variações regionais como também nos níveis socioculturais dos falantes. Essas variações do falar cuiabano com suas particularidades constitui o todo da linguagem cuiabana. E as publicações do *Xômano que mora logo ali* busca representar o todo do falar cuiabano que é tão peculiar que se distingue de forma singular do dialeto das demais regiões.

Assim, nesse sentido, é importante destacar que para, a Sociolinguística, a língua é dotada de heterogeneidade sistemática, compreendendo as suas mudanças no contexto social da comunidade de fala. De acordo com Labov (1972/2008) em todos os níveis de estrutura linguística é possível encontrar variação, isto é o nível fonológico, lexical, morfológico, sintático e entre outros. Essas variações são condicionadas por alguns fatores linguísticos e sociais referentes à origem geográfica, idade, gênero, sexo e classe social. E o mais importante é compreender que a variação é constitutiva das línguas naturais e não caótica ou desordenada, mas condicionada por fatores sociais e intralinguísticos.

*Na comunidade Xômano que mora logo ali*, os usuários disfrutam de um ambiente bastante diverso e rico no que diz respeito à comunicação livre, acessível e espontânea, de tal modo que podemos visualizar a representação da riqueza linguística do falar da baixada cuiabana. Como dissemos anteriormente, as pesquisas têm evidenciado como Cuiabá vem deixando seus traços linguísticos mais populares e a comunidade virtual em questão busca manter esse dialeto. Observamos nessa comunidade o uso de variantes que identificam a norma local da região cuiabana, algumas aparentemente exclusivas da região sudoeste do Estado de Mato Grosso e outras partilhadas com outras regiões do Brasil. Assim, levando em conta os

aspectos fonético e lexical, apresentamos três usos linguísticos característicos do falar local, claramente identificados e exemplificados a partir de trabalhos já realizados sobre a região, que podem ser visualizados nos posts publicados na comunidade virtual. São eles: (I) realização das fricativas [ʃ] e [dʒ] e (II) realização do rotacismo da lateral alveolar em grupo consonantal e em coda silábica.

Para tanto, a seguir destacamos as publicações escolhidas que foram selecionadas pelos critérios de traços fonológicos e lexicais que obteve maior número de audiência da página. Dentre as mais de 1500 postagens já feitas, foi possível tomar conhecimento e expor aqui as publicações que mais repercutiram na rede social segundo os botões de interatividade curtir, comentar e compartilhar.

## **4.2 Características fonéticas**

### *4.2.1. Realizações africadas [tʃ] e [dʒ] em vez das fricativas [ʃ] e [ʒ]:*

Destacamos inicialmente os estudos de Santiago-Almeida (2000, 2005a e 2005b), isso porque a variedade singular do falar cuiabano, está entre as variedades reconhecidas para o português brasileiro, e é uma temática frequente em seus estudos. O pesquisador aborda pontos da tradição histórica, cultural e social da Baixada Cuiabana, indispensáveis ao entendimento de determinados aspectos linguísticos que representam o português falado nessa localidade. Ele pesquisa a construção da geração cuiabana, com ênfase para o alicerce humano e linguístico. Os estudos de Almeida pressupõem a concepção de que a variedade linguística paulista caipira, veio por meio dos Bandeirantes no começo do século XVIII, tratou-se de uma atuação determinante na construção do retrato sociocultural da população da Baixada Cuiabana.

Nesse sentido, o falar cuiabano trata-se de um fruto do convívio, direto entre o falar caipira, abastado, específico, de traços típicos do português antigo, e as línguas indígenas que existam na região. Visto que, os bandeirantes e monçoeiros paulistas utilizavam o rio Cuyabá como percurso de entrada, inicialmente, às minas de escravos indígenas e, posteriormente, às minas de ouro.

Assim nós vamos ver que Santiago-Almeida (2005b) sustenta a teoria de que os aspectos do dialeto cuiabano são arcaísmos de português, os quais vieram à região com o dialeto caipira dos bandeirantes. E para firmar essa teoria o autor faz uma confrontação entre pronúncias de

vogais e consoantes ouvidas na Baixada Cuiabana, além de pronúncias anotadas pela bibliografia da trajetória da língua portuguesa nos séculos anteriores.

O interessante é que as consoantes africadas [tʃ] e [dʒ], que alguns pensam ser um traço somente do falar cuiabano, já foram atestadas também em períodos passados do português europeu. Palma (1980) produziu especialmente um estudo sobre o falar cuiabano, com o objetivo de constatar as possíveis mudanças linguísticas que vinham ocorrendo particularmente em Cuiabá. Assim, a linguista analisou opiniões de cuiabanos sobre o modo de vida da região, destacando as bruscas mudanças que vinham ocorrendo no Estado. A pesquisa considerou dois grupos: (a) cuiabanos nativos e (b) pessoas vindas de outros estados, estudando o uso das africadas [tʃ] e [dʒ] em vez das fricativas [ʃ] e [ʒ], recorrente na fala dos cuiabanos nativos, que parecia estar em pleno processo de desaparecimento. Palma (2005, p. 141) apresenta alguns exemplos:

Coxipó – cotchipó > cochipó  
Cheio - tcheio > cheio  
Xarope - tcharope > charope  
Enchente – entchente > enchente  
Jeito - djeito > jeito  
Ajuda - adjuda > ajuda  
Gente – dgente > jente  
Juízo - djuízo > juízo

Como podemos observar, os exemplos demonstram uma mudança em andamento no falar da comunidade: as consoantes africadas (surda e sonora) passam a fricativas (surda e sonora). Palma entrevistou um total de 20 informantes cuiabanos distribuídos em duas faixas etárias (20 a 40 anos e 45 a 80 anos), utilizando questionário que permitiu o controle do comportamento linguístico. A pesquisadora levou em consideração os fatores linguísticos e sociais como prováveis determinantes na variação no uso de africadas ou fricativas. E os fatores sociais se exibem como mais relevantes. Por exemplo, em relação ao fator escolaridade, os cuiabanos, com nível de escolaridade superior ou com 1º e 2º graus completos, estavam substituindo as consoantes africadas, estigmatizadas, pelas fricativas, de prestígio. Também o fator faixa etária se mostrou relevante: informantes da faixa etária jovem, do sexo feminino, estavam substituindo com grande frequência o traço cuiabano pelo traço de prestígio. De acordo com Palma (2005), a influência dos fatores sociais presume uma forte tendência ao desaparecimento dos traços estigmatizados.

Já em relação aos fatores envolvimento emocional e acento de expressividade, os dados evidenciam que os falantes mais novos e de nível de escolaridade mais elevado exibem diferença entre o desempenho e a avaliação dos traços estigmatizados, que não admitiam manifestar. Contudo, isso não acontece na comunidade virtual do *Xômano que mora logo ali pois*, nós observamos que a maioria dos integrantes são jovens.

Assim, as consoantes [tʃ] e [dʒ] “estão presentes em mais de uma fase da história da língua portuguesa e permanecem vivas até hoje na expressão oral de muitos cuiabanos, provavelmente porque encontrou por lá um terreno fértil, adubado com línguas indígenas, em particular o bororo, que possuem tais fonemas”. (SANTIAGO-ALMEIDA, 2005, p. 87).

O que se pode observar diante dos estudos sobre o falar cuiabano, é que dentre os aspectos fonológicos a realização das fricativas palatais [ʃ] e [ʒ] como as africadas [tʃ] e [dʒ], tem sido vista como grande característica do falar cuiabano e, não incomum. A exemplo dos enunciados: [tʃapɐ] chapa/ [moadʒɐ] moagem.

Desse modo, é necessário que retomemos os estudos sociolinguísticos em relação aos traços antigos, pois Santiago Almeida (2005b) explica que é fácil e cômodo negar a presença, no português de hoje, de fenômenos devidamente atestados em fases anteriores da língua, como é o caso das africadas. Para o autor:

Embora haja quem concorde com Silva Neto no que diz respeito à conservação de traços de diferentes fases da língua na modalidade atual, pelo menos em Mato Grosso, na área que delimitamos para a pesquisa, a Baixada Cuiabana, os traços destacados /tʃ/ e /dʒ/, segundo a já referida literatura, estão presentes em mais de uma fase história da língua portuguesa e permanecem vivos até hoje na expressão oral de muitos cuiabanos, provavelmente porque encontrou por lá um terreno fértil, adubado com línguas indígenas, em particular o bororo, que possuem tais fonemas. (SANTIAGO ALMEIDA, 2005b, p. 87)

Podemos perceber os traços fonológicos aqui já mencionados mesmo com o passar dos anos, com o reforço normativo, com todo o estigma que o falar cuiabano sofre como um todo, podemos ver uma ação de manutenção desses traços não só nos espaços off-line na linguagem oral, mas certamente também no espaço online, na linguagem virtual e prova disso é a comunidade do *Xômano que mora logo ali* que mantém esses traços através de suas postagens, como mostraremos mais adiante.

Todavia, essas realizações africadas e fricativas são características do falar da comunidade virtual em estudo, contudo não estão restritas a ela. Amaral (1920, p. 22) documentou usos iguais no dialeto caipira: “Ch e j palatais são explosivos, como ainda se

conservam entre o povo em certas regiões de Portugal, no inglês (chief, majesty) e no italiano (cielo, genere)”.  
De acordo com Silva Neto (1960), vários pesquisadores registraram o som *tchê* no falar caipira de São Paulo, assim como Ribeiro (1881), Pereira (1919) e Amaral (1920). Os pesquisadores citados compreenderam esse som como a conservação da antiga africada portuguesa.

Julio Ribeiro (1881, *apud* SILVA NETO, 1960, p. 11) diz que: “os caipiras de São Paulo pronunciam *djente*, *djogo*. Os mesmos e também os minhotos e transmontanos dizem *tchapeo*, *tchave*”. O autor ainda destaca que, naquele contexto, essas formas estavam presentes no falar do interior do Brasil entre os colonos portugueses do século XVI, decorrentes da permanência desses usos na linguagem do Minho e de Trás-os-Montes, províncias de Portugal.

Nesse sentido, encontramos os mesmos traços linguísticos representados nas publicações da comunidade virtual *Xômano que mora logo ali*, africadas [tʃ] e [dʒ] em vez das fricativas [ʃ] e [ʒ], como nos posts a seguir:

Nesse sentido, encontramos os mesmos traços linguísticos representados nas publicações da comunidade virtual *Xômano que mora logo ali*, africadas [tʃ] e [dʒ] em vez das fricativas [ʃ] e [ʒ], como nos posts a seguir:

#### Post (01): Acordei pra esperar tchove pra dormir de novo...



Fonte: reprodução Fanpage do *Xômano que mora logo ali*

O *post* (01) possui uma grande interação dos integrantes da comunidade, são 1,2 mil reações, sendo elas: *curti*, *haha* e *amei*, 79 comentários e 352 compartilhamentos. Para essa

imagem destacamos os fenômenos: [tʃuva] tchuva e [odʒe] hodjê. A seguir selecionamos o post (02).

**Post (02): Eu** ❤️



Fonte: reprodução Fanpage do *Xômano que mora logo ali*.

O *post* (02) conta com 823 curtidas, 73 comentários e 125 compartilhamentos. Destacamos: [dʒoga] djogá/ [katʃɔ] cáthorro / [tʃa] tchá/ [tʃupa] tchupá/ [kadʒu] cádjú e [mikadʒe] micadje.

Assim, os *posts* (01) e (02) são umas das primeiras postagens e são umas das que mais tiveram repercussão na comunidade virtual. O uso dos botões das reações do *Facebook* é uma forma de reconhecimento, uma ferramenta que o integrante tem para demonstrar o quanto e como está interagindo com as publicações da página.

Outros mecanismos que possibilitam a interação dos integrantes são as opções: “comentar” e “compartilhar”, pois, conforme os *posts* (01) e (02), podemos perceber que foram esses mecanismos que auxiliaram a expansão da discussão. Visto que esses números de reações, comentários e compartilhamentos são o resultado do processo de identificação linguística, cultural e pessoal que o post causa nos integrantes. Sabendo que os critérios de interatividade são bastante subjetivos, mas o discurso da imagem é significativo para os integrantes que interagiram com a postagem, nos comentários como podemos ver, eles interagem com os mesmos fenômenos linguísticos, [tʃeganu] tcheganu (*post 01*) e [linguadʒa] linguadjá e [demaʃ] demais (*post 02*).

Podemos perceber que as publicações têm cunho altamente ‘regionalista’ mostrando a cultura e a identidade cuiabana, fazendo uso do humor para representar situações que remetem ao cotidiano e à memória coletiva regional. As postagens levam os integrantes da comunidade a valorizar mais a região por meio dos elementos da comumente conhecidos pelos cuiabanos identificados na página, sejam pelos costumes e situações do cotidiano retratadas pelos personagens como a capivara que é um animal comum na região centro-oeste.

E mesmo sendo publicações retratadas de forma cômica, acredita-se que a página contribua de forma positiva para a disseminação da cultura cuiabana e para o fortalecimento da linguagem e da identidade dos cuiabanos que fazem parte da comunidade virtual.

Apresentamos, a seguir, mais um uso frequente do falar cuiabano apresentado na comunidade do *Xômano que mora logo ali*.

#### 4.2.2. Realização do rotacismo da lateral alveolar em grupo consonantal

Entre os fenômenos fonológicos presentes no falar cuiabano podemos encontrar também o rotacismo. Desse modo, cabe ser aqui apresentado como um traço característico do falar cuiabano pela sua intensidade. Então, ouve-se, por exemplo [r] em vez de [l], [praka] e [bicicreta] no lugar de [plaka] e [bicicleta]. Sabemos que esse traço é um fenômeno estigmatizado, pela sua ligação com a ruralidade, oralidade e analfabetismo, sendo assim é um marcador social. Contudo, na região Cuiabana, é um indicador linguístico, pois reúne, indistintamente, falantes das zonas rural e urbana, com diferentes níveis de escolaridade, e ocorre em contextos de interação mais ou menos formais.

Retomamos o estudo de Marroquim (1945, p. 37), no qual compreende que o rotacismo é uma realização muito comum no falar popular. Para o linguista, essa mudança do /l/ para o /r/ veio dos indígenas, mas precisamente os tupis, isso porque eles não possuem esse fonema na seu falar, depois do achado, seu falar foi moldado.

No falar carioca, Nascentes (1923/1953, p. 53) direciona a utilização do rotacismo: “tal como na passagem do latim para o português, o /l/ se muda em /r/. Cfr. lat. blandu-brando, clavicula-cravelha, flaccu-fraco, gluten-grude, planctu-pranto. A consoante mais vizinha da vibrante /l/ é a vibrante /r/”. De acordo com o pesquisador, o rotacismo acontece não só no brasil mas também em Portugal, nos pares: clamar-cramar, plantar-prantar, dentro dos aspectos da língua. Nascentes, explica que na língua portuguesa falada em Portugal, esse uso não chega

uma soma que conseguisse ser disseminado pelo Brasil. O rotacismo no em solo brasileiro seria fruto da atuação do substrato tupi, ou de uma predisposição degenerativa com base na língua. No língua tupi não havia a sonância lê, mas sim o rê (r brando). Era comum que se mudasse o lê pelo rê.

Outros estudos, como os de Cox (2001, 2003,2004, 2005, 2006, 2007 e 2008), demonstram que o nível acadêmico não têm assegurado a autocorreção da variante [r] ainda que, em contextos que requer um estilo levando para além do monitorado. Desse modo, esses estudos são direcionados para a apuração de ocorrências de escrita em diferentes áreas da comunicação do centro de Cuiabá, no qual demonstra que até mesmo em aspectos grande rigidez, como o de uma trabalho academico, por exemplo, o rotacismo se realiza com uma certa frequência, ou seja ultrapassa o campo da oralidade para a escrita. Assim, Cox (2005, p. 111-112) demonstra que a rotacização de [l] em [r], ainda é, nos dias atuais, um fenômeno muito produtivo na fala dos cuiabanos.

A seguir, os posts retirados da comunidade virtual *Xômano que mora logo ali* que exibem o traço linguístico do rotacismo:

### **Post (03): Hodjê tem Framengo e Fruminense**



**Fonte:** reprodução fanpage do *Xômano que mora logo ali*.

O *post* (03) conta com uma expressiva interação dos integrantes, com 424 reações, entre elas: *curti*, *haha* e *amei*, 16 comentários e 49 compartilhamentos. Nesta publicação podemos destacar dois aspectos que causaram tal interatividade, o primeiro é fenômeno do

rotacismo que é bastante utilizado nas publicações da página: [framengu] framengo e [fruminense] fruminense, e o outro aspecto é a imagem do apresentador, Roberto França, que é muito conhecido na região cuiabana pelo seu falar cuiabano tão característico. Desse modo, podemos perceber uma ação de identificação linguística, em que a comunidade busca uma referência midiática que a identifica.

#### Post (04): Status: Panhãnu a brusa



Fonte: reprodução Fanpage do *Xômano que mora logo ali*.

Já o *post* 04, conta com 687 curtidas, 28 comentários e 162 compartilhamentos. É interessante observar que os integrantes não só interagem dentro da comunidade com a variação linguística, como também compartilham para fora dela, como demonstra o número de compartilhamentos.

O *post* 04 traz o fenômeno do rotacismo [**brusa**] **brusa**, vinculado ao contexto do clima, já que se trata de um tema muito frequente na comunidade, exatamente porque Cuiabá é conhecida como uma das cidades mais quentes do Brasil.<sup>9</sup>

A partir da análise dos *posts* (03) e (04), é possível dizer, de modo mais amplo, é que a comunidade através de suas publicações procura fomentar representação, como também

<sup>9</sup> De acordo com o site do governo de Mato Grosso (<http://www.mt.gov.br/geografia>) Cuiabá, é uma das cidades mais quentes do Brasil, com temperatura média que gira em torno de 24°C e não raro bate os 40°.

levantar questões de interesse social, buscando motivar a participação e manifestação dos integrantes, seja ela individual e/ou coletiva.

Neste sentido, observamos uma realização expressiva do rotacismo nas publicações da comunidade do *Xômano que mora logo ali*, o que confirma a nossa hipótese sobre a manutenção linguística do falar cuiabano nas comunidades virtuais, pois, pode-se considerar que a página, ao utilizar variações que até então são consideradas como erro, atua contra o preconceito social e linguístico e mais, desenvolve uma ação para conservar, ou, pelo menos, manter na memória as expressões populares mais ricas e vigorosas, impedindo que elas sejam, definitivamente, soterradas, esse tem sido o desafio que se impõe.

### 4.3 Características lexicais

Sabemos que existem palavras já conhecidas, mas que são utilizadas distintamente em cada lugar. O léxico nasceu a partir da necessidade que o ser humano teve de nomear as coisas, mundo que o cerca e o seres. É através do léxico que são notadas, mais nitidamente, as alterações de significado que uma ou outra palavra podem assumir, a depender do contexto.

Assim, destacamos a seguir alguns aspectos lexicais frequente na comunidade virtual analisada e ao que tudo indica são específicos do sudoeste do Mato Grosso.

#### 4.3.1 *Shô, usados para senhor/seu*

Na comunidade do *Xômano que mora logo ali*, o uso das formas *shô* são constatadas, com o valor de *senhor/seu*.

Macedo-Karim (2012) em um estudo sobre *A comunidade são Lourenço em Cáceres-MT: Aspectos linguísticos e culturais* atestou outra forma grafada como, *xônei* com a mesma valia de *senhor/seu*, na localidade de Cáceres, em nome de estabelecimento comercial localizado no centro da cidade. A pesquisadora, ainda atestou outras seguintes formas:

As formas *tchô* e *tchá* para senhor e senhora são encontradas na localidade em estudo, e aparentemente não há registros desses itens em outras regiões do Brasil. Mas outras formas reduzidas de senhor/senhora são registradas. Amaral, por exemplo, atestou no dialeto caipira, o uso de várias formas para senhor/senhora: *senhor, sinhôr, sinhô, sinhozinho, siôr, seu, seô, siô; senhora, sinhara, sinhá, sinhàrinha, sinhazinha, seá, sea, siá, sia*. Das formas citadas pelo autor algumas ocorrem em Cáceres *senhor, sinhôr, sinhô, seu; sinhara e sinhá*. (MACEDO-KARIM, 2012, p. 94)

De acordo com a observação de Zagári (2009, p.112), a configuração *sô* compete com seu: “O primeiro pode e vem, muitas vezes, desacompanhado do nome: Que isso Sô? Vai lá, sô! Sei não, sô!! O segundo —é Seu João, Seu Francisco e é tratamento panbrasileiro, só aparecendo antecedido de nome próprio e é, sem dúvida, a forma mais comum de senhor”. O pesquisador pontua que essa configuração é “homônimo do possessivo, mas, apenas homônimo, pois não se prende senão ao tratamento senhor”. De acordo com o autor, essa configuração tem aparecido em “todas as conversas mineiras, em todas as rodas de bate-papo, independentemente da classe social, do sexo ou da idade e em nossas melhores páginas literárias quer em escritos do século passado quer na literatura contemporânea”.

Podemos notar que uma expressão em determinada região possui uma identidade regional. Para tanto, consultamos o Dicionário Cuiabanês, de William Gomes (1996), eu que o autor procura reunir verbetes que aparecem na fala da baixada cuiabana que são julgados como grande característica do falar dessa região, compreendida a capital, Cuiabá, e seus municípios circunvizinhos.

Abaixo segue os exemplos da comunidade *Xômano que mora logo ali*, com os traços *Shô*, usados para senhor/seu:

#### **Post (05): Melhor bala de coco do mundo**



**Fonte:** reprodução fanpage do *Xômano que mora logo ali*.

O *post* (05) também foi uns dos quais alcançou grande repercussão na comunidade, a publicação atingiu 357 reações, sendo: *curti*, *haha* e *amei*, 52 comentários e 102 compartilhamentos. Um aspecto interessante a utilização da imagem de um senhor já conhecido na região, o que possibilita o reconhecimento e interação por parte dos integrantes.

### Post (06): Crima completamente nubrado



Fonte: reprodução fanpage do *Xômano que mora logo ali*.

E o *post* (06) foi o que mais repercutiu dentro e fora da comunidade, pois forma 1,4 mil reações, *curti*, *haha* e *amei*, 54 comentários e 1,139 mil compartilhamentos. Como já mencionamos, o fator clima é um assunto que os integrantes mais se identificam. Contudo, o que nos chama a atenção nos *posts* (05) e (06) além do reconhecimento dos integrantes para com o traço linguístico *Shô usados para senhor/seu*, é a importância que essa variação lexical têm dentro da comunidade virtual, pois podemos ver na publicação (05) a interação dos integrantes ao reconhecer o *shô Antonio*, é como uma necessidade sócio-cultural de conversar sobre traços que eles consideram característicos de Cuiabá, colaborando com a compreensão e valorização assim de um traço linguístico.

#### 4.3.2 Vôte:

O vocábulo *vôte* é uma termo utilizado para expressar espanto, medo, semelhante a “Deus me livre”. O uso foi atestado por Drummond (1995), o qual nos mostra que, embora o vocábulo exista em outras regiões, é na região Centro-oeste, que o uso é mais frequente na fala cotidiana que em outras regiões do país, como é o caso, por exemplo, da expressão *vôte*.

[...]denomino de “comunacional”, ou seja, de termos dicionarizados que, embora existentes em outras regiões, são aqui de uso mais comum e corriqueiro, circulando com mais frequência na fala cotidiana do que em outras regiões do país, como é o caso, por exemplo, da expressão “**vote**”, e dos vocábulos “muxirum”, “cururu”, entre tantos outros, que estão nos dicionários gerais, mas cujo uso em Mato Grosso, particularmente em Cuiabá, extremamente comum. (DRUMMOND, 1978, p. 51).

Na poética, *Figa vigê vôte* (1995, p. 45), de Moisés Martins<sup>10</sup>, transformada em composição, com a parceria do grande músico Pescuma<sup>11</sup> há o registro da forma *vôte*:

[..] figa, Vigê, **Votê**  
Funga Fiinha, funga  
A mágoa vai espantando  
não espante cô tamanho  
a coisa não é tão feia  
como ocê tá imaginando.  
Tem muita coisa na vida,  
que parece mais não é,  
Pichebeque que reluz  
no pescoço da muié.  
figa, Vigê, **Votê**.

Abaixo segue a publicação da comunidade virtual com a realização da variação lexical *vôte*:

**Post (07): Deus me dibre metcê cu banho hodjê...**

---

<sup>10</sup> De acordo com a academia Mato-Grossense de Letras, Moisés Mendes Martins Júnior é considerado um dos ícones da do movimento chamado cuiabania.

<sup>11</sup> Benedito Donizete de Moraes, mais conhecido como “Pescuma” é um músico conhecido na região de Mato Grosso pela divulgação da cultura regional com o ritmo tradicional rasqueado cuiabano.



Fonte: reprodução fanpage do *Xômano que mora logo ali*.

O post (07) atingiu 245 reações, 7 comentários e 66 compartilhamentos. Um aspecto interessante em relação ao traço *vôte* é que embora não seja uma exclusividade do falar cuiabano, seu emprego remete a uma tentativa de regionalização.

#### 4.3.3 *Canhãim*:

Expressão utilizada para discordar. “Você namora Maria Taquara? Canhãem”. Na comunidade virtual como já mencionamos um dos temas recorrentes é sobre o clima quente, o frio parece não agradar muito aos cuiabanos.

Encontramos o registro do vocábulo *canhaim* na obra cinematográfica local, ‘Canhaim! Uma aventura sinistra’ no qual o roteiro traz os humoristas da região Nico e Lau, dupla característica de Cuiabá.

Abaixo segue o exemplo de *canhãim* da comunidade *Xômano que mora logo ali*

**Post (08): Ou caga ou sai da moita**



Fonte: reprodução fanpage do *Xômano que mora logo ali*.

O post (08) atingiu 404 reações, entre elas: *curti*, *haha* e *triste*, 5 comentários e 55 compartilhamentos. Consideramos que a reação *triste* deve-se ao clima frio. O traço lexical *canhãim*, é bastante reconhecido na comunidade virtual, e parece ser um traço exclusivo do falar cuiabano, visto que não encontramos outros registros, além dos citados acima.

#### 4.3.4. *Rebuça em vez de cobrir, recobrir:*

A palavra **rebuça**, encontrada na comunidade do *Xômano que mora logo ali*, significa “se cobrir com lençol, colcha ou cobertor” (WILLIAM GOMES, 1996, p. 260).

Esse uso também foi documentado por Drummond (1995) no falar cuiabano:

Criança já tava grande. Chegou uma velhinha: Como vai a criança? ‘Ah! Tá desenganado’. Larga de bobagem. Manda comprar um vidro de óleo de rícino e a senhora dá banho nele da cintura pra baixo, põe um pouquinho de sal na banheira e um pouquinho de pinga. Dá um banho bem esperto, **rebuça** ele e dá uma colher desse purgante pra ele’. Quando acordou madrugada: Mamãe, quero pão. ‘Meu Deus! A criança vai morrer!’ Comecei a chorar. Aí minha cunhada viu: Que que foi? A criança tava ruim, agora tá pedindo pão’. (DRUMMOND, 1995, p. 22, grifo nosso).

Outro registro que se aproxima desse uso, encontramos atestado por Cunha (2010), no verbete boca: “do castelhano embozalar/embuçar vb. ‘cobrir o rosto até os olhos’, ‘disfarçar,

encobrir' XVI/ embuço XVI, rebuçado XVI, rebuçar vb., embuçar XVI, rebuço XVI. Dev. de rebuçar”.

Abaixo, segue o mesmo uso sendo utilizado na comunidade virtual do *Xômano*:

#### **Post (09): Vôte!**



**Fonte:** reprodução Fanpage do *Xômano que mora logo ali*.

O *post* (09) foi curtido por 920 integrantes, 57 comentaram e 195 compartilharam. Não só o traço *rebuçar* é reconhecido pelos integrantes, mas também outros já mencionados acima.

Assim, após visualizarmos os fenômenos linguísticos característicos e mais frequentes do falar cuiabano presentes na comunidade do *Xômano que mora logo ali*, passaremos para a próxima subseção a fim de conhecer as avaliações dos integrantes sobre a comunidade.

#### **4.4 Atitudes linguística dos integrantes da comunidade do *Xômano que mora logo ali***

O intuito, nesta subseção, é identificar a opinião dos usuários da página *Xômano que mora logo ali* em relação à comunidade, as publicações que envolvem o falar cuiabano, a cultura e a identidade. Para tanto, realizamos uma pesquisa geral pela página, na qual encontramos avaliações dos integrantes sobre a comunidade, de modo que é possível perceber suas atitudes positivas. Desse modo, por meio das avaliações dos integrantes, optamos por apresentar essas avaliações e assim analisá-las.

Constatamos, inicialmente, que os internautas cuiabanos, usuários do site da rede social *facebook*, têm participado da disseminação de algumas páginas que apresentam conteúdos que valorizam a cultura regional, alcançando muitos fãs que ainda residem em Cuiabá, que não residem mais, mas possuem parentes ou contatos na cidade, a página do *Xômano que mora logo ali*, vai além das fronteiras cuiabanas, mobilizando leitores em todo o Brasil.

Assim, observamos que uma das funcionalidades mais importantes que o *facebook* oferece para as comunidades virtuais é o recurso de Classificação e Avaliação por parte dos integrantes. A Classificação é representada por notas de 1 a 5, demonstrada através de estrelas azuis; a Avaliação é um comentário complementar que o usuário pode fazer ou não. Desse modo, com base no comentário/opinião de 380 pessoas (conforme especifica a página), e, de acordo com os mecanismos de explicação da página, compreende-se que a classificação é baseada em quantas pessoas recomendam ou não recomendam a página, bem como qualquer classificação ou avaliação anterior que ela possa ter.

Desse modo, temos uma percepção norteadora, pois a sociedade em rede, inserida no espaço virtual tem propriedade globalizante e permite aos seus usuários a inserção e o acesso a qualquer grupo (comunidade virtual) social ou cultural. Assim, compreendemos que a identidade e o sentimento de pertença que a comunidade do *Xômano que mora logo ali* produz para os integrantes faz com que eles interajam dentro e fora da comunidade.

Nesse contexto, a partir das avaliações sobre a comunidade, deixadas pelos integrantes, tomamos como concepção de análise as noções relacionadas com os gostos, humor e linguagem, de modo que percebemos ser possível afirmar que a página virtual do Facebook *Xômano que mora logo ali* é no campo virtual uma representação da cultura e do falar cuiabano. E desse modo, sugerir que os integrantes dessa comunidade estão verdadeiramente interligados e interagem virtualmente pelo vínculo linguístico e sociocultural que os ligam, e conseqüentemente, os identificam.

Ao estudar as crenças e atitudes dessa comunidade, percebemos que, algumas vezes, elas se correspondem quando expressam opinião, gosto, preferência e também perante as escolhas que são feitas em uma situação específica. E devemos acrescentar ainda, que as atitudes linguísticas são definidas por julgamentos favoráveis ou desfavoráveis sobre a variedade linguística utilizada por determinadas pessoas.

Nesse sentido, observamos que as avaliações deixadas na página pelos integrantes podem ser percebidas como atitudes. Assim, Lambert e Lambert (1966, p. 77) destacam que “uma atitude é uma maneira organizada e coerente de pensar, sentir e reagir em relação a pessoas, grupos, questões sociais ou, mais genericamente, a qualquer acontecimento ocorrido em nosso meio circundante”.

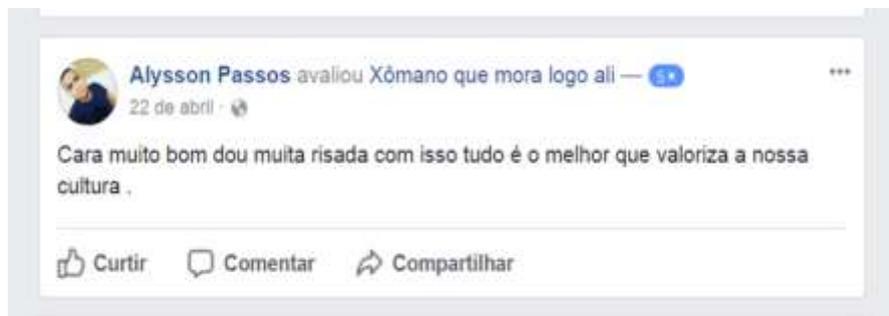
As análises aqui realizadas tomam como referência o fato que a língua é um dos traços culturais adquiridos em virtude de uma pessoa integrar um grupo social específico ou comunidade linguística. Contudo, acreditamos que muito se tem a explorar no que diz respeito à relação entre cultura e língua, em face da construção de uma identidade cultural. Para tal, selecionamos avaliações publicadas pelos integrantes da comunidade virtual do *Xômano que mora logo ali*, nas quais revelam o posicionamento do falante com relação à identidade linguística em contexto multicultural. Assim, seguem as imagens (10) e (11) nas quais podemos classificar as avaliações primeiramente como positivas:

### Avaliação 01



Fonte: reprodução Fanpage do *Xômano que mora logo ali*.

### Avaliação 02



Fonte: reprodução Fanpage do *Xômano que mora logo ali*.

Desse modo, gostaríamos de destacar primeiro as afirmações das avaliações (01) e (02): “*humor inteligente/dou muita risada*” isso porque o riso sendo algo constante na vida e na história do ser humano tem provocado o interesse de muitos pesquisadores na área da linguagem. Segundo Possenti (1998), no que se refere à Linguística, o humor quase não tem sido alvo de pesquisa como realmente deveria, uma vez que os textos de humor são um excelente objeto de análise para o estudioso da língua. Eles dispõem de uma grande riqueza de elementos e informações que contribuem para um estudo completo do funcionamento e da estrutura da linguagem (verbal).

Contudo, nos estudos da linguagem, o humor nem sempre é bem visto, pois conforme o autor Luiz Carlos Travaglia, pensando no modo como o humor se constitui, podemos visualizar que o humor é algo que vai além da propensão de causar o riso:

O humor é uma atividade ou faculdade humana cuja importância se deduz de sua enorme presença e disseminação em todas as áreas da vida humana, com funções que ultrapassam o simples fazer rir. Ele é uma espécie de arma de denúncia, de instrumento de manutenção do equilíbrio social e psicológico; uma forma de revelar e de flagrar outras possibilidades de visão do mundo e das realidades naturais ou culturais que nos cercam e, assim, de desmontar falsos equilíbrios. (TRAVAGLIA, 1990, p.55).

O humor engloba todos os outros aspectos das publicações da comunidade virtual, sendo ele a característica essencial no sentido de causar empatia, entendendo o humor como uma forma de crítica compreensiva pautada num sentimentalismo que, ao mesmo tempo valoriza e aprofunda o real. Desse modo, como visto acima os integrantes da comunidade avaliam as publicações da comunidade a partir do humor e para analisar essas avaliações e publicações, abordamos a ideia do que se conhece como “humor cuiabano”.

Todavia, reconhecemos que as publicações que envolvem a linguagem trazem situações de humor bastante típicas do povo cuiabano, mesclado com as expressões regionais (regionalismos) que também são formas de atrair os integrantes por meio da identidade linguística cuiabana. É um modo de despertar a consciência identitária a partir da reflexão dos usuários em relação a modos peculiares de uso da Língua na comunidade da qual eles fazem parte, pois outras afirmações que podemos destacar das avaliações dos integrantes é: “*resgate cultural/valoriza nossa cultura*”. Assim, com publicações engraçadas/humorísticas os integrantes da comunidade virtual se divertem muito com as piadas e a linguagem, passando a divulgá-las, promovendo a pluralidade cultural e a diversidade linguística.

De acordo com Tylor (1871), o termo cultura é compreendido como um conjunto complexo incluindo os saberes, as crenças, a arte, os modos, o direito, os costumes, assim como toda disposição ou uso aprendido pelo homem vivendo em sociedade. Chianca (2010a), nesse sentido, corrobora que a cultura é algo da qual a existência é inerente à condição humana coletiva, ela é um atributo distintivo. Por conseguinte, por ser um atributo distintivo, a cultura acaba tornando-se fator determinante de identidade. No entanto, a construção de identidade pode acontecer de diversas formas, principalmente através da linguagem. Isso por ser a língua parte social da linguagem e a linguagem manifestação do comportamento social.

Nesse sentido, percebemos que a comunidade virtual do *Xômano que mora logo ali*, além de operar na disseminação da cultura cuiabana, desperta nos integrantes a percepção da sua identidade linguística. Uma vez que é a partir da manifestação cultural em circunstâncias coletivas, que nos auto identificamos.

Segundo Dubar (1991, p.07):

A identidade humana não é obtida de uma vez por todas no nascimento: ela se constrói na infância e, doravante, deve se reconstruir ao longo da vida. O indivíduo nunca a constrói sozinho; ela depende dos julgamentos dos outros quanto suas orientações e das definições de si. [...] A identidade é ao mesmo tempo estável e provisória, individual e coletiva, subjetiva e objetiva, biográfica e estrutural, dos diversos processos de socialização que constroem os indivíduos se definem as instituições.

Através do humor as publicações contribuem para a popularidade dos aspectos linguísticos da nossa região, como a fomentação da identificação cultural dos cuiabanos, para o seu senso de pertença a essa cultura e de que modo esse “retorno às origens” pode ser possível na era digital. Com efeito, então, essas comunidades virtuais ‘regionalistas’ “mostram a cultura e a identidade cuiabana, fazendo uso do humor para representar situações que remetem ao cotidiano e à memória coletiva regional” (LINS, 2014, p. 12). Levam os integrantes da comunidade, a valorizar mais região por meio dos elementos da cultura cuiabana identificados na página, sejam expressões típicas e características de Cuiabá, sejam os costumes e situações do cotidiano retratadas pelas publicações do *Xômano que mora logo ali*. Apesar de serem retratados de forma cômica, acreditamos que a página acaba por contribuir de forma positiva para a disseminação da cultura cuiabana e para o fortalecimento da linguagem e da identidade desses cuiabanos que participam dessa comunidade virtual. É justamente esse fator da diversidade linguística que nos interessa nesta página do *facebook*.

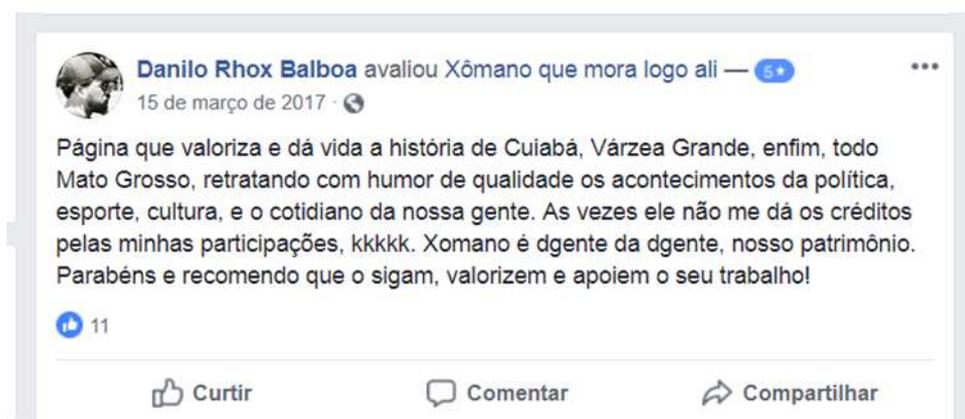
Assim, seguidamente notamos que grande parte dos integrantes apresentam atitudes positivas ao descrever o conteúdo da comunidade, em suas avaliações transparecem o afeto e orgulho pela terra cuiabana.

### Avaliação 03



Fonte: reprodução fanpage do *Xômano que mora logo ali*.

### Avaliação 04



Fonte: reprodução fanpage do *Xômano que mora logo ali*.

Acreditamos que, a comunidade virtual do *Xômano que mora logo ali*, vem influenciando positivamente nas atitudes dos integrantes. As crenças e as atitudes linguísticas, que emergem, motivam os integrantes da comunidade a adotarem determinadas posturas que favorecem um e outro grupo, no caso, aqueles que nem mesmo conhecem pessoalmente a região cuiabana,

Como identificado das avaliações dos integrantes da comunidade, acreditamos que essas atitudes positivas em relação à comunidade do *Xômano que mora logo ali* se dão porque existe uma ligação entre a identidade e o falar, com os aspectos culturais representados na página.

As atitudes dos integrantes frente a comunidade virtual confirmam nossa hipótese inicial: a de que o fato de existir uma identificação com a *fan page* contribui para as atitudes linguísticas positivas dos internautas. Há, assim, uma relação íntima entre identidade e atitude linguísticas.

Desse modo, o que observamos é que uma característica definidora da identidade do grupo ou indivíduo é a variedade linguística assumida e, assim, qualquer atitude em relação aos grupos com determinada identidade pode ser uma resposta às variedades usadas por esse grupo ou aos indivíduos usuários dessa variedade. Por mais que não estejam expressas nas avaliações dos integrantes da comunidade o fator linguagem, sabemos que uma vez que normas e marcas culturais dos falantes transmitem-se ou se sedimentam por meio da língua, atualizada na fala de cada indivíduo.

A seguir destacamos a Avaliação (05), que apresenta o parecer de uma integrante da comunidade, em que podemos perceber que o indivíduo, ao se inserir em uma comunidade virtual, busca traços de identificação.

#### Avaliação 05



Fonte: reprodução fanpage do *Xômano que mora logo ali*.

Percebemos na avaliação acima, que a integrante utiliza algumas expressões linguísticas cuiabanas; *quá*<sup>12</sup> - que significa expressão de espanto, indignação. Ex: ‘Quá! Pode esquecer ele não volta mais.’ e *tchapa*- uma expressão linguística utilizada pelos Cuiabanos, aos que nascem em Cuiabá. Os descendentes dos fundadores da cidade receberam posteriormente o carinhoso tratamento de “cuiabano de tchapa e cruz”.

---

12 Encontramos definições sobre as expressões; *quá* e *tchapa* em uma matéria intitulada, “Liguadjá Cuiabanês”. Escrita por Ivana Schäfer.

Assim, podemos compreender aquilo que Tarallo (2011, p.14) mostrou, que a língua pode ser um fator extremamente importante na identificação de grupos e no modo de indicar diferenças sociais presentes nessa comunidade. A integrante da comunidade, mesmo não conhecendo a cidade, possui traços linguísticos adquiridos pelos pais, e emprega expressões linguísticas utilizadas na comunidade como fator identificação.

Identificamos, que os integrantes da comunidade buscam valorizar os traços linguísticos do falar cuiabano por reconhecer que é um falar estigmatizado, que sofre preconceito, bem como demonstra a avaliação (05): “*e olhe já fui mangada por querer conhecer essa terra por uma cambada de aquidauanense por parte de mãe, que é do MS...*”

Nesse sentido, verificamos que a comunidade virtual do *Xômano que mora logo ali* tem o papel de combater o preconceito linguístico, pois conforme Bagno (2001, p.115- 117), reagir ao preconceito requer uma mudança de atitude, do usuário da língua materna, elevando o grau da própria autoestima linguística. Desse modo, percebemos, pela avaliação da integrante da *fan page*, que a comunidade virtual é um espaço que o usuário além de se identificar linguisticamente, proporciona a formação da identidade do indivíduo, a partir daquilo que ele se identifica e deseja ser. Pois, as identidades parecem invocar uma origem que residiria em um passado histórico com o qual estas identidades continuariam a manter certa correspondência. As identidades têm a ver, entretanto, com a questão da utilização dos recursos da história, da linguagem e da cultura para a produção não daquilo que nós somos, mas daquilo no qual nos tornamos (HALL, 2000, 109).

Constatamos que boa parte dos integrantes da comunidade virtual, demonstram não atitudes positivas em relação a *fan page*, mas também enaltecem o carinho por essa comunidade virtual. Como evidenciado acima, com algumas das avaliações dos integrantes, constatamos que eles possuem atitudes muito positivas em relação à comunidade, ao que eles chamam de resgate cultural e identitário, ao falar representado. Podemos perceber que eles compreendem que a comunidade representa o falar cuiabano, um falar singular. A esse respeito percebemos que a página transcende os limites geográficos, uma vez que pessoas de outras regiões participam e se identificam com a comunidade.

#### 4.5 A comunidade Xômano como representação de identidade pessoal

Conforme abordamos na seção II, sobre as correntes que consideram a relação entre língua, cultura e a construção de identidade, compreendemos que entre os diferentes conceitos de identidade não se pode negar que a identidade é construída no campo social, que os indivíduos procuram integração por meio da língua, e assim se “moldam” ao grupo que estão ou desejam

estar inseridos.

Assim, relacionando as atitudes linguísticas dos integrantes da comunidade virtual ao aspecto social, podemos retomar os quatro princípios de Le page (1980), que demonstra que a identidade e a linguagem estão intimamente ligadas:

1. A capacidade do falante de identificar o grupo modelo ou grupo referência;
2. A capacidade ter acesso a esses grupos e a habilidade de trabalhar as regras de seu repertório;
3. O peso de motivações conflitantes (motivações em relação a um outro grupo modelo em relação à preservação de sua própria identidade);
4. A habilidade de modificar seu comportamento linguístico. (LE PAGE, 1980, p. 31)

A partir dessas condições que caracterizam o comportamento linguístico de um indivíduo, é possível notar que as escolhas linguísticas estão conectadas à identidade social do falante. Assim, podemos compreender que o integrante da comunidade virtual do *Xômano que mora logo ali* possui habilidade ao utilizar seu repertório linguístico conforme o falar que a comunidade representa, através de suas semelhanças linguísticas. Pois, a comunidade do *xômano* é grupo modelo que os integrantes optaram por fazer parte.

No modelo de La page (2008, p. 20), “o que estrutura a identidade em todas as suas dimensões é linguagem, e “o outro” do discurso não é representado pelo interlocutor a quem se dirige e sim ao grupo de referência”. Consciente ou não o integrante da comunidade virtual não se dirige ao um interlocutor face a face, mas sim a comunidade a qual ele escolheu fazer parte. O que pode explicar esse sentimento de pertencimento que o integrante da comunidade do *Xômano que mora logo ali* expressa ter, é a fenômeno da acomodação, pois essa teoria firma que os indivíduos são motivados a ajustarem a sua fala ou acomodarem.

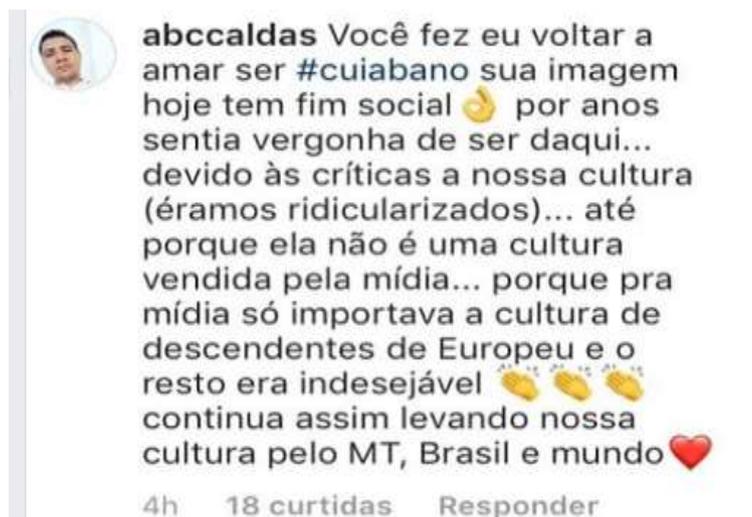
Nesse sentido, quando encontramos uma comunidade na qual existe uma grande valorização de variantes estigmatizadas por meio da identificação cultural, indagamos: *Por que os indivíduos estão buscando ambientes virtuais para utilizarem a variante cuiabana? Como*

*isso está ocorrendo nesse ambiente virtual?* Nossa hipótese é que as pessoas buscam por seus semelhantes, por sua identidade linguística e cultura, e os espaços virtuais têm correspondido a essas buscas por meio de publicações que representam a cultura e o falar cuiabano proporcionando “segurança na comunidade”.

Assim, constatamos que a comunidade do *Xômano que mora logo ali*, a partir do facebook, enquanto suporte das relações sociais, vem modificando os processos sociais das pessoas, possibilitando que os usuários passem a investir virtualmente nesses laços sociais de interação com a variedade linguística cuiabana.

Como sabemos no mundo *offline* existe um conflito de orientação para o prestígio e para a identidade linguística e cultural. Como podemos ver no depoimento (01) que segue abaixo:

### Depoimento 01



**Fonte:** reprodução fanpage do *Xômano que mora logo ali*.

No depoimento (01), vimos um conflito com a orientação de prestígio. Quando o integrante afirma que: “*Por anos senti vergonha de ser daqui...*”, percebemos que o sentimento de vergonha em relação a sua regionalidade esteja em processo de mobilidade social ascendente, no qual tendem a adotar valores de um grupo de referência, o indivíduo tende a acomodar seu repertório linguístico, seus costumes ao grupo que deseja pertencer, como Labov (1972/2008) afirmou. Assim, compreendemos que o integrante do depoimento (01) assume uma identidade imposta por instituições.

Todavia, no espaço virtual, através da comunidade do *Xômano que mora logo ali*, o integrante encontra um grupo que deseja fazer parte e que não entra em conflito com sua

identidade pessoal. Pois, a comunidade valoriza o falar e a cultura cuiabana, o que leva ao sentimento de pertencer ao grupo. Podemos notar quando ele afirma: “*você fez eu voltar a amar ser cuiabano... sua imagem hoje tem fim social*”.

O sentimento de pertença é aquele que ajuda integrante a identificar “de onde ele é”. E o grupo de pessoas com o mesmo sentimento de pertença faz com que exista uma identidade coletiva, que será a mesma entre os que partilham desse mesmo sentimento. E esse sentimento se expressa na comunidade virtual, através de depoimentos como esse acima, e toda a interação com as publicações da comunidade, como vimos na subseção 4.1 as publicações têm cunho linguístico e cultural.

Desse modo, o sentimento de pertença que os integrantes demonstram com a comunidade, tem relação direta com a identidade de um povo por aflorar devido o reconhecimento coletivo racional e emocional dos símbolos e valores da cultura cuiabana.

Assim, compreendemos que vivemos inseridos em redes sociais. Ligamo-nos às pessoas por meio de uma rede invisível e maleável que nos conecta a nossos círculos sociais, profissionais, familiares possibilitando várias trocas de experiências em nossas atividades no dia a dia. Na interação diária, cada falante utiliza uma ou outra variedade linguística, o que depende do papel social, representado em cada uma de suas diversas situações de interação. Mas também entram no jogo interativo, sendo determinantes na opção por qual variedade fazer uso nesses momentos.

No ambiente virtual não é diferente, pois ao fazerem parte de uma comunidade virtual como a do *Xômano que mora logo ali*, os integrantes da comunidade, mesmo que inconscientemente, buscam estar conectados a pessoas que possuem atitudes e crenças semelhantes à deles, no caso o ponto em comum que buscam semelhança é a variedade linguística cuiabana.

Desse modo, partimos da compreensão que a comunidade virtual do *Xômano que mora logo ali* centra-se em integrantes sociais, isto é, indivíduos com interesses, desejos e aspirações, que têm papel ativo na formação de suas conexões sociais. Wellman *et. al* (2003) explicam que é preciso que se perceba que, na comunicação mediada por computador os indivíduos compartilham não apenas informações, mas também, suporte emocional e companheirismo.

Com base no que já abordamos na subseção 4.1, sobre os fenômenos mais característicos do falar cuiabano, representado na comunidade do *Xômano que mora logo ali*, constatamos através de outros estudos já realizados que as variantes mais frequentes no falar

cuiabano são de aspectos fonológicos: Realizações africadas [tʃ] e [dʒ] em vez das fricativas [ʃ] e [ʒ]; Realização do rotacismo da lateral alveolar em grupo consonantal e de aspectos lexicais: *Shô* usados para senhor/seu e expressões como *vôte*, *canhã*' e *rebuçar*.

O que gostaríamos de demonstrar com esses resultados é que essas variantes consideradas estigmatizadas são majoritariamente usadas nos espaços off-line, como demonstra o estudo realizado por Cox (2005). Diferentemente ocorre na comunidade virtual, pois como constatamos a variação acontece de forma natural e humorística. O comportamento positivo dos integrantes pode ser medido de forma positiva em relação às variantes, de acordo com a repercussão dos *posts* e as avaliações deixadas por eles. A conformação da hipótese para nosso questionamento começa aqui, visto que dentro dos ambientes virtuais os falantes que talvez possuam a variedade cuiabana de um modo geral entram no processo de acomodação, uma vez que eles querem interagir conforme as variantes aceitas pelo grupo no caso aquelas consideradas até então fora do grupo como estigmatizadas. Se nós retomarmos as publicações feitas na comunidade, vamos ver que elas são os meios para que o integrante da comunidade interaja com o falar cuiabano.

Os resultados sobre a avaliação dos usuários em relação à comunidade mostram que eles estão relacionados à questão de identidade como fator de divergência, ou seja, resistência em utilizar a norma padrão de prestígio dentro da comunidade virtual, isso porque a resistência em acomodar o próprio falar a uma norma se dá principalmente pelo orgulho que se tem de sua comunidade dialetal. Segue algumas das expressões deixadas pelos integrantes que demonstramos na subseção anterior como nas avaliações (01) “regate cultural” e avaliação (02) “valoriza nossa cultura”. E outros depoimentos nos quais também podemos visualizar o orgulho que os integrantes têm da comunidade virtual que representa sua comunidade de origem, como nos depoimentos (01) e (02) que segue abaixo:

### Depoimento 02



**Fonte:** reprodução Fanpage do *Xômano que mora logo ali*.

Aqui destacamos a frase: “Aqui dou valor a minha terra natal”

### Depoimento 03



**Fonte:** reprodução Fanpage do *Xômano que mora logo ali*.

E o depoimento (02) “valoriza nossa cultura”. Observa-se que, independente da região, que possam residir atualmente todos parecem sentir orgulho de sua comunidade de origem. As raízes geográficas estão diretamente relacionadas às experiências que são constitutivas da identidade.

A estratégia da divergência, nesse caso, pode aproximar os integrantes na interação, pois o integrante deseja estar em conformidade com o grupo. Assim, quando está em jogo o prestígio do dialeto, eles tendem a entrar em um processo de convergência, por isso implica um retorno social positivo daquele grupo. Então, ao interagirem na comunidade com a variedade da maioria estão no processo de atração e apoio. Assim, o grande número de participantes na comunidade, os semelhantes se aproximam, buscam essa aproximação.

Todas as vezes que os integrantes expressam sua preocupação em preservar o sotaque e com isso a identidade por meio do sotaque que é representado nas publicações, possivelmente estarão a atuar pela estratégia da divergência, resistindo à mudança como afirmamos na seção II, a comunidade em geral tende ao conservadorismo do falar cuiabano.

Uma das principais conclusões a que chegamos foi que a imagem que o integrante tem de sua comunidade é refletida em sua postura diante de outras comunidades com as quais mantêm contato. Visto que conforme nossas reflexões na subseção anterior, a avaliação dos integrantes e a diversidade da fala estão ligadas conceitualmente aos estudos linguísticos e aos estudos da Psicologia Social. Segundo Giles, Taylor e Bourthis (1973), o que está no centro da Teoria da Acomodação é o desejo de aprovação social. Já Giles e Powesland (1975) reafirmam

essa assertiva ao concluir que a acomodação é o resultado de uma tentativa do falante que se esforça para ser aceito pelo interlocutor.

A partir da análise dos dados selecionados para esta investigação, verifica-se que parte dos pressupostos que constam nesses estudos se confirma. Por meio da análise dos dados foi possível observar que, tanto através das avaliações dos integrantes quanto através das interatividades nas publicações, e ao contrário do que os estudos já feitos sobre a Teoria da Acomodação apontam, notamos que os integrantes se afastam da variedade tida como prestígio nos espaços face a face e aproximam-se das pronúncias que julgam prestigiosas dentro da comunidade virtual, que são as variantes mais estigmatizadas do falar cuiabano como já citadas no decorrer deste estudo. Assim, verifica-se que há a intenção, por parte dos integrantes, de serem aceitos socialmente dentro da comunidade que é estigmatizada fora do espaço virtual e que faz parte de seus idioletos.

Desse modo, como mostram os estudos realizados no campo da Teoria da Acomodação, nas situações propícias à acomodação da fala, os falantes recorreram às variantes linguísticas que julgam prestigiosas, dentre aquelas que lhes são possíveis representar. Essa ação é entendida pela teoria como um reflexo do desejo do indivíduo de aprovação social.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo buscou compreender a partir do site facebook, a interação dos integrantes da comunidade virtual do *Xômano que mora logo ali*, com a variedade linguística cuiabana. Percebemos que o site *facebook*, como suporte das relações sociais, vem modificando os processos sociais das pessoas, possibilitando que os usuários passem a investir virtualmente nesses laços sociais de interação com a variedade linguística cuiabana.

Desse modo, foi possível identificar atitudes linguísticas em relação ao falar e a cultura cuiabana, representados na comunidade virtual do *Xômano que mora logo ali*, evidenciando que os usos linguísticos mais estigmatizados do falar cuiabano estão sendo prestigiados no espaço virtual, um processo inverso do que já foi identificado nos espaços face a face, no qual os usos de prestígios não cabem os usos linguísticos mais característicos do falar cuiabano.

As atitudes dos integrantes da comunidade analisada, em sua maioria, revelaram sentimentos positivos perante o uso das variantes mais características de Cuiabá. Para os integrantes, interagir na comunidade do *Xômano* é interagir com traços já esquecidos pelos cuiabanos, é resgatar a cultura local e mais que isso, é manter vivo o falar cuiabano, visto que fora do ambiente virtual eles não possuem esse contato com esse falar. Diante do exposto, percebe-se que a interação dos integrantes com as publicações na página e as avaliações deixadas por eles demonstram atitudes positivas frente ao falar cuiabano, representando na comunidade virtual os usos linguísticos regionais mais característicos de Cuiabá.

Identificamos que o falar cuiabano, representado na comunidade, é uma característica definidora da identidade do grupo ou indivíduo. A variedade linguística é assumida e, assim, qualquer atitude em relação aos grupos com determinada identidade pode ser uma resposta às variedades usadas por esse grupo ou aos indivíduos usuários dessa variedade. Por mais que não estejam expressas nas avaliações dos integrantes da comunidade o fator linguagem, sabemos que uma vez que normas e marcas culturais dos falantes se transmitem ou se sedimentam por meio da língua, atualizada na fala de cada indivíduo.

Assim, com este estudo procuramos abordar os aspectos culturais, linguísticos e de mediação tecnológica da representação cuiabana, através da comunidade *Xômano que mora logo ali*. Observamos que os integrantes estão interligados virtualmente por um vínculo sociocultural que os ligam, e conseqüentemente, os identificam. E conhecendo da grande repercussão e identificação que suas publicações geram na rede, a página virtual em questão,

busca assumir em suas publicações por várias vezes a função de fomentar uma representação, como também levantar questões de interesse social, buscando incitar a participação e manifestação individual ou coletiva. Além disso, detectamos alguns aspectos importantes nas postagens como os usos linguísticos mais característicos do falar cuiabano, sendo eles de ordem fonológica e lexical, e junto desses usos vinculados nas postagens foi possível perceber os hábitos, humor e gostos específicos da região cuiabana, fato que reforça a identificação e representação junto à comunidade que curte o *xômano*. Entre as comunidades virtuais existentes no *facebook*, a página *xômano que mora logo ali* destaca assuntos ligados ao território físico (o Mato Grosso) de determinado agrupamento humano (os cuiabanos). Tais aspectos reforçam aos integrantes dessa página, se reconhecer em algum aspecto cultural e linguístico nas publicações dessa comunidade virtual.

Outro ponto importante que identificamos é que ao se ocupar sobre as investigações relacionadas a atitudes linguísticas, a Sociolinguística abrange e torna profundo o trabalho sobre seu objeto de estudo, a diversidade linguística, no momento em que passa a ponderar que o que dá sustentação àquela diversidade são relações de poder e força estabelecidas de forma assimétrica entre os diferentes grupos sociais. Já que cada um deles dispõe de graus de poder diferenciados, não só pelas posições que ocupam na estratificação social, mas também pela linguagem que utilizam. Assim, diante de questões profundas como essas, a sociolinguística deu a visão para compreendermos antes a interação face a face, pois compreendemos que tudo se inicia nos *offline* e posteriormente passa para o espaço virtual.

Desse modo, diante dos estudos sobre o falar cuiabano, consideramos relevante para os estudos linguísticos os conceitos e os pressupostos mobilizados pela Psicologia Social, pois essa área junto à Sociolinguística lida, de maneiras distintas, com questões muito parecidas que, por vezes, podem se relacionar. Sendo a intersecção possível, é desejável que a troca de conhecimento também o seja.

Através do site social *facebook*, vários usuários podem ter acesso às expressões do dialeto, podendo compartilhar opiniões. Nesse sentido, a comunidade do *Xômano que mora logo ali*, além de provocar o riso, também proporciona a reflexão por parte dos integrantes e a valorização dos fenômenos característicos do falar cuiabano e, ainda, arremata a costura do tecido da linguagem, registrando as particularidades do falar cuiabano na história, promovendo a sua visibilidade.

Compreendemos que os *posts*, as avaliações e os depoimentos encontrados e apresentados no decorrer desse estudo, nos fazem reforçar a hipótese de que o sentimento de “segurança na comunidade” faz com que os integrantes não se sintam pressionados a acomodarem seu repertório linguístico para a variante cobrada socialmente.

Ancimos que este estudo possa contribuir para o desenvolvimento de pesquisas sobre atitudes nas comunidades virtuais. Torna-se relevante compreender como os indivíduos estão interagindo com as variedades linguísticas nos espaços virtuais, visto que são espaços de interação diferentes dos espaços face a face, pois como identificamos na comunidade do *Xômano que mora logo ali*, os integrantes, diferentemente do que outros estudos vêm demonstrando, distanciam das variedades linguísticas empregadas na sociedade e aproximam-se das variedades que se identificam, que representam o falar cuiabano. Assim, compreendemos que esse ato de se integrar a uma comunidade para a manutenção de um falar estigmatizado são atitudes que propiciam a permanência do falar.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Manoel Mourivaldo Santiago. (2000). **Aspectos fonológicos do português falado na baixada cuiabana**: traços de língua antiga preservados no Brasil. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- AMÂNCIO, Rosana Gemima. **As “cidades trigêmeas”**: Um estudo sobre atitudes **Linguístico-sociais e identidade**. Dissertação de Mestrado. Campinas-SP: Unicamp, Instituto de Estudos da Linguagem, 2007.
- ANTUNES, Irandé. **A língua e a identidade cultural de um povo**. In: VALENTE, André (Org.). *Língua Portuguesa e identidade: marcas culturais*. Rio de Janeiro: Caetés, 2007.
- ASSUÇÃO, Thaiza. **Mascarados fazem sucesso com humor na internet**. 2015. Disponível em: <<http://midianews.com.br/cotidiano/mascarados-fazem-sucesso-com-humor-na-internet/253103>>. Acesso em: 23 maio 2018.
- BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 12.ed.São Paulo: Hucitec, 2006.
- BATTISTI, E. **Redes sociais, identidade e variação linguística**. In: FREITAG, R. M. K. (Org). *Metodologia de coleta e manipulação de dados em Sociolinguística*. São Paulo: Edgard Blücher, 2014.
- BEZERRA, Benedito Gomes; PIMENTEL, Renato Lira. **NORMATIVISMO LINGUÍSTICO EM REDES SOCIAIS DIGITAIS: UMA ANÁLISE DA FANPAGE LÍNGUA PORTUGUESA NO FACEBOOK**. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, [s.l.], v. 55, n. 3, p.731-755, dez. 2016. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/010318135142185651>. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-18132016000300731](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-18132016000300731)>. Acesso em: 24 ago. 2017.
- BLOOMFIELD, L. [1926]. **Um conjunto de postulados para a ciência da linguagem**. In: DASCAL, M. (org.). *Fundamentos metodológicos da linguística*. Campinas: UNICAMP, 1978.
- BOTASSINI, Jacqueline Ortelan Maia. **Crenças e atitudes linguísticas: um estudo dos róticos em coda silábica no norte do Paraná**. Londrina, 2013.
- BOTASSINI, Jacqueline Ortelan Maia. A importância dos estudos de crenças e atitudes para a sociolinguística. *Signum: Estudos da Linguagem*, [S.L.], v. 18, n. 1, p. 102-131, 30 jun. 2015. Universidade Estadual de Londrina. <http://dx.doi.org/10.5433/2237-4876.2015v18n1p102>. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/signum/article/view/20327>. Acesso em: 07 jun. 2018.
- BORTONI-RICARDO, S. M. **Do campo para a cidade: estudo sociolinguístico de migração e redes sociais**. São Paulo: Parábola, 2011 [1985].

BORTONI-RICARDO, S. M.; OLIVEIRA, Tatiana de. **Corrigir ou não variantes não padrão na fala do aluno?** In: RICARDO, Stella Maris Bortoni-Ricardo, MACHADO, Veruska Ribeiro (Org). Os doze trabalhos de Hércules : do oral para o escrito. São Paulo: Parábola, 2013.

CALVET, Louis-Jean. **Sociolinguística**: uma introdução crítica. São Paulo: Parábola Editorial, 2002.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. In: MORAES, Denis. Por uma Outra Comunicação. Mídia, mundialização cultural e poder. Rio de Janeiro: Record, 2003.

CHIANCA, R. M. S. Tópicos em Sociolinguística I (notas de aula). PROLING/Universidade Federal da Paraíba: João Pessoa, 2010a.

COX, M. I. P. **O rotacismo no falar cuiabano: a potência da voz mameluca em uma variedade do português brasileiro**. In: Cox, M. I. P. & SantiagoAlmeida, M. M. (orgs.). Vozes cuiabanas: estudos linguísticos em Mato Grosso. Cuiabá: Cathedral, 2005, p. 95-113.

CUNHA, Antônio Geraldo. (2010). Dicionário etimológico da língua portuguesa. 4ª. ed. revisada pela nova ortografia. Rio de Janeiro: Lexikon.

DETTONI, Rachel do Valle. (2003). **A concordância de gênero na anáfora pronominal: variação e mudança linguística no dialeto da baixada cuiabana – Mato Grosso**. Tese (Doutorado) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte - MG.

\_\_\_\_\_. (2005): **A concordância de gênero no falar cuiabano: a trajetória de uma mudança linguística em curso**. IN: Vozes Cuiabanas: estudos linguísticos em Mato Grosso. Almeida, M. M. S. & Cox, M.I. P. (Orgs.). Cuiabá, Cathedral Publicações, p. 51-67.

DRUMMOND, Maria Francelina Ibrahim. (1978). **Do falar cuiabano**. Cuiabá, Secretaria Municipal de Educação e Cultura.

DUBAR, C. La socialisation. Construction des identités sociales ET professionnelles. Paris: Armand Colin, 1991.

FARACO, Carlos Aberto. Norma-padrão brasileira: desembaraçando alguns nós. In: BAGNO, Marcos. **Linguística da Norma**. 2 ed. São Paulo: Loyola, 2004.

\_\_\_\_\_. **Norma culta brasileira**: desatando alguns nós. São Paulo: Parábola, 2008.

\_\_\_\_\_.; ZILLES, Ana Maria. **Para conhecer norma linguística**. São Paulo: Contexto, 2017.

FACEBOOK. Xômano que mora logo ali. Disponível em: <https://www.facebook.com/XomanoQueMoraLogoAli> Acesso em: 05 de janeiro de 2019.

FISHMAN, Joshua A. **A sociologia da linguagem**. In: FONSECA, Maria Stella Vieira; GILES, H.; TAYLOR, D.; BOURHIS, R. Toward a theory of interpersonal accommodation through

speech: some Canadian data. *Language in Society*, v. 2. Cambridge: Cambridge University Press, p. 177-192, 1973.

GILES, H.; POWESLAND, P. F. *Speech style and social evaluation*. London: Academic press Inc., 1975

GOVERNO DE MATO GROSSO. **Mato Grosso -Geografia: Clima**. Disponível em: <<http://www.mt.gov.br/geografia>>. Acesso em: 25 maio 2017.

HALL, Stuart. Quem precisa da identidade? In. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais** / Tomaz Tadeu da Silva (org). Petrópolis - RJ: Vozes, 2000.

John J. Gumperz (1968). TYPES OF LINGUISTIC COMMUNITIES. *Readings in the Sociology of Language*.

HOBBSAWN, E. **Nações e Nacionalismo** desde 1780. Programa, mito e realidade. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

LABOV, William. (1972). **O quadro social da mudança linguística**. IN: Padrões sociolinguísticos. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline R. Cardoso. São Paulo, SP: Parábola, 2008. p. 301-373. 169.

\_\_\_\_\_. (1972). **O reflexo dos processos sociais nas estruturas linguísticas**. IN: Padrões sociolinguísticos. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline R. Cardoso. São Paulo, SP: Parábola, 2008. p.139-150.

\_\_\_\_\_. (1972). **A motivação social de uma mudança sonora**. IN: Padrões sociolinguísticos. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline R. Cardoso. São Paulo, SP: Parábola, 2008. p.19-62.

\_\_\_\_\_. (1972). **O estudo da língua em seu contexto social**. IN: Padrões sociolinguísticos. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline R. Cardoso. São Paulo, SP: Parábola, 2008. p.215-300.

LAMBERT, W. W.; LAMBERT, W. E. *Psicologia social*. 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1972.

LAMBERT, William Wilson; LAMBERT, Wallace Earl. (1975). *Psicologia social*. Tradução de Dante Moreira Leite. 4. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro, RJ: Zahar.: Paz e Terra, 1998.

LEMOS, André. **Cibercultura, tecnologia e vida social na cultura contemporânea**. Porto Alegre: Sulina, 2002.

LE PAGE, R. B. *Projection, Forcusing and Diffusio*. York Papers in Linguistics, 1980.

LÉVY, Pierre (2000). *Cibercultura – Relatório para o Conselho da Europa no quadro do projecto «Novas tecnologias: cooperação cultural e Comunicação»*. Lisboa: Instituto Piaget.

LUCCHESI, Dante. (2000). *A variação na concordância de gênero em uma comunidade de fala afro-brasileira: novos elementos sobre a formação do português popular do Brasil*. Tese de Doutorado em Linguística. Rio de Janeiro: UFRJ, Faculdade de Letras.

MACEDO-KARIM, Jocineide. **A comunidade São Lourenço em Cáceres-MT: aspectos linguísticos e culturais.** Tese de Doutorado. Universidade Estadual de Campinas. Campinas, SP, 2012.

MACEDO-KARIM, **Jocineide.** **A Concordância nominal de gênero na comunidade Cacerense.** Revista Ecos (Cáceres), v. 7, p. 91-102, 2010.

MACEDO-KARIM, Jocineide. **Usos linguísticos e comportamento de uma comunidade no alto pantanal mato-grossense - a visão dos nativos.** In: Acontecimento de Linguagem: Espaços de Significação. Ana Luiza Artiaga R. da Motta; Jocineide Macedo Karim; Joelma Aparecida Bressanin; Neuza Zattar; Taisir Mahmudo Karim. (Org.). 1ªed.Campinas-SP: Pontes, 2013, v. 1, p. 1-15.

MATOS E SILVA, rosa Virgínia. **Variação, mudança e norma.** In: BAGNO, Marcos (org). **Linguística da norma.** São Paulo: Loyola, 2002.

MONTEIRO, J. L. Para compreender Labov. Petrópolis: Vozes, 2000.

PALMA, Maria Luíza Canavarros. (1980). **Variação fonológica na fala de Mato Grosso:** um estudo sociolinguístico. Dissertação de Mestrado – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

\_\_\_\_\_. (2005). O falar cuiabano em Mato Grosso – **Estigma, Status e Atalhos.** IN: Vozes Cuiabanas: estudos linguísticos em Mato Grosso. Almeida, M. M. S. & Cox, M.I. P. (Ogs.). Cuiabá, Cathedral Publicações. p. 139-165.

PETTER, Margarida. **Linguagem, Língua e Linguística.** In: FIORIN, José Luiz (org.)

**Introdução à Linguística I.** Objetos Teóricos – 3ª ed. São Paulo: Contexto, 2004, p.11-24.

PIMENTEL, Carmen. **Comunidades virtuais, comunidades linguísticas.** Idioma, Rio de Janeiro, v. 2, n. 29, p. 181-198, jun. 2015. Semestral. Disponível em: [http://www.institutodeletras.uerj.br/idioma/numeros/29/Idioma29\\_a05.pdf](http://www.institutodeletras.uerj.br/idioma/numeros/29/Idioma29_a05.pdf). Acesso em: 13 abr. 2018.

PEDROSO, Fernanda de Souza. **Mídias faladas locais: um estudo sobre atitudes linguísticas em Cáceres-MT.** 2018. 144 f. Tese (Doutorado) - Curso de Linguística, Universidade do Estado de Mato Grosso. Programa de Pós-graduação em Linguística, Cáceres, 2018. Disponível em: <http://portal.unemat.br/media/files/Fernanda-de-Souza-Pedroso-Campelo.pdf> . Acesso em: 25 ago. 2018.

POSSENTI, Sírio; **Os humores da língua: análises linguísticas de piadas.** Campinas, SP Mercado de Letras, p.152, 1998.

RHEINGOLD, Howard. **The virtual community. Homesteading on the electronic frontier.** Cambridge, Massachusetts: The MIT Press, 1993. Disponível em: <http://rheingold.com/books/>. Acesso em: 24 março. 2018.

RODRIGUES, Maria Benedicta Deschamps (Dunga Rodrigues). *Marphysa / Crônicas Cuiabanas*. Cuiabá: Academia Mato-Grossense de Letras, vol. 9, da Coleção Obras Raras de Mato Grosso, 2013.

SCHERRE, Pereira Maria Marta & NARO, Anthony Julius. (2007). **Garimpendo as origens do português brasileiro**: sobre três estruturas linguísticas radicais. IN: *Garimpendo as origens do português brasileiro*. Maria Marta Pereira Scherre (Org.). São Paulo: Parábola Editorial. p. 71-116.

SILVA NETO, Serafim da. (1960). **Língua, cultura e civilização**: estudos de filologia portuguesa. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica.

\_\_\_\_\_. (1963). **Introdução ao estudo da língua portuguesa no Brasil**. Rio de Janeiro, RJ: Impr. Nacional.

SILVA, Lúcia (2002). **Implicações cognitivas e sociais da globalização das redes e serviços telemáticos**. Tese de Doutorado em Ciências da Tecnologia da

Comunicação. Universidade de Aveiro.

SIQUEIRA, Elizabeth Madureira. A contribuição de Mato Grosso na constituição da nacionalidade brasileira. **In: Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso**. Ed. Comemorativa dos 500 anos do Descobrimento do Brasil, Cuiabá: Editora IHGMT, v.58, p.9-32, 2000.

TARALLO, Fernando. (1990). **A pesquisa Sociolinguística**. São Paulo: Ática

ZÁGARI, Mario Roberto Lobuglio. (2009). **O uso do presente na fonética/fonologia do português para explicar o passado**. IN: **Sociolinguística no Brasil: uma contribuição dos estudos sobre línguas em/de contato**: homenagem ao professor Jürgen Heye.

#### REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES:

AGUILERA, Vanderci de Andrade. Crenças e atitudes linguísticas: o que dizem os falantes das capitais brasileiras. 2008. Disponível em: [http://www.gel.org.br/estudoslinguisticos/volumes/37/EL\\_V37N2\\_11.pdf](http://www.gel.org.br/estudoslinguisticos/volumes/37/EL_V37N2_11.pdf) Acesso em 10/06/2018.

ALKMIM, T. Sociolinguística. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (Orgs.)

**Introdução à Linguística**. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

AMARAL, Amadeu (1920). **O dialeto caipira: gramática, vocabulário**. 4ª. ed. São Paulo, SP; Brasília, DF: HUCITEC: INL, 1982.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Manual de sociolinguística**. São Paulo: Editora Contexto, 2014.

BOSI, Ecléa. (1992). **Cultura e desenraizamento**. IN: BOSI, Alfredo. (Orgs.) *Cultura brasileira: temas e situações*. 2. ed. São Paulo, SP: Ática, 224 p.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. (Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro) 3. ed. Rio de Janeiro. DP&A, 1999.

HYMES, Dell. Posfácio, em: BURKE, Peter / PORTER, Roy (orgs.). Linguagem, indivíduo e sociedade. São Paulo: Unesp, 1993. p. 431-453.

MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (orgs). PAIVA, Maria da Conceição de IN. **Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação**. 4 ed., São Paulo: Contexto, 2012.

NEVES, Moema Facure (Orgs.). **Sociolingüística**. Rio de Janeiro: Eldorado, 1974, p. 25-40.

PRISTA, Luís. Tentativa de cenário para ts >s, em: Variação lingüística no espaço, no tempo e na sociedade. APL, Lisboa: Colibri, p. 183-226, 1994.

RECUERO, R. (2009). Redes Sociais na Internet. Porto Alegre, Sulina, 191 p.

\_\_\_\_\_.(2012). A Conversação em Rede. Porto Alegre, Sulina, 238 p.